

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES
LICENCIATURA EM LETRAS**

EMERSON LOPES BRANDÃO

**ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS DA FALA DE PARINTINS: A
REALIZAÇÃO DA PALATIZAÇÃO DO /S/ PÓS-VOCÁLICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade do Estado do Amazonas como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: MSc. Franklin Roosevelt Martins de Castro

Coorientadora: Dra. Beatriz Funayama Alvarenga Freire

Parintins-AM
2023

EMERSON LOPES BRANDÃO

**ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS DA FALA DE PARINTINS: A
REALIZAÇÃO DA PALATIZAÇÃO DO /S/ PÓS-VOCÁLICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura Plena em Letras, da
universidade do Estado do Amazonas como
requisito para obtenção do grau de Licenciatura
em Letras.

Parintins-AM
2023

EMERSON LOPES BRANDÃO

**ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS DA FALA DE PARINTINS: A
REALIZAÇÃO DA PALATIZAÇÃO DO /S/ PÓS-VOCÁLICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, da universidade do Estado do Amazonas como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Aprovado em: ___/04/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. MSc. Franklin Roosevelt Martins de Castro
Presidente

Prof^ª. Dra. Beatriz Funayama Alvarenga Freire
Vice-Presidente

Prof. Dr. Plínio Almeida Barbosa
Membro

Prof^ª. Dra. Patricia Reis
Membro

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que possibilitou com que eu concluísse toda essa jornada com muita força, pelas bênçãos a mim e minha família, me dando coragem e fortalecendo todos os dias para seguir em frente e continuar meu curso e consegui entregar um bom trabalho.

Agradeço também aos meus familiares que me ajudaram na ida e vinda da universidade. Sem eles esse momento não se concretizaria. Amo muito vocês, obrigado por estarem comigo me dando força de vontade para trilhar todo esse longo caminho tortuoso, porém muito prazeroso.

Faço um agradecimento especial as todas minhas amigas, meus amigos, meus primos, tios e tias que me deram apoio, que ajudaram com tudo que pedi, amo vocês infinitamente, fico agradecido por pessoas como vocês terem feito parte e contribuírem nessa minha jornada dentro da universidade. Sou grato por ter compartilhado cada momento desses quatro anos com vocês.

Agradeço ao meu orientador professor Mestre Franklin Roosevelt Martins de Castro, por estar sempre comigo, me dando orientações e fazendo observações no passo a passo dessa pesquisa. Obrigado, por fazer parte dessa jornada, pela sua compreensão e sua dedicação para dar suas orientações para o desenvolvimento desse trabalho.

Agradeço a minha coorientadora professora Doutora Beatriz Funayama Alvarenga Freire, obrigado por suas contribuições, elas com certeza colaboraram bastante para esse estudo. Suas observações me motivaram fortemente para continuar e buscar a melhor forma de finalizar essas pesquisa.

Agradeço a Universidade do Estado do Amazonas que deu todos os subsídios e ambiente adequados para chegar ao final deste trabalho, agradeço a oportunidade de cursar o curso de Licenciatura em Letras.

E por último, agradeço aos meus professores que repassaram conhecimentos, contribuindo fortemente para o crescimento desse acadêmico, tanto na vida profissional, como também na vida pessoal. Enriqueceram com suas aulas o baú de conhecimento que vem se criando durante muito tempo, obrigado.

A TODOS, MEU MUITO OBRIGADO!

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a toda minha família, aos meus amigos e amigas que me deram carinho, incentivo e bastante motivação para seguir o percursos e a elaboração desse trabalho, dedico também a Deus e todas as divindades que me abençoaram com muita força depois de muita oração, para chegar no final desse caminho.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o fenômeno da palatização na fala dos moradores do município de Parintins. Para isso, leva em consideração aspectos fonéticos e fonológicos do fenômeno. Além disso, essa pesquisa busca aprofundar-se nos estudos desse fenômeno que caracteriza o falar de quem reside em Parintins. O trabalho apresenta resultados da pesquisa sobre a palatização em /s/ em coda silábica, no meio e no final de palavras. A metodologia é de caráter qualitativo, de campo e seguiu pressupostos de procedimentos teórico-metodológicos. A coleta dos dados foi realizada por meio de uma entrevista gravada pelo pesquisador e pela leitura de uma lista de palavras. O trabalho se justificou pela curiosidade de perceber como a palatização ocorre de fato na fala de Parintins, de como se realiza, e se esse fenômeno faz parte da característica linguística do dialeto parintinense. Além disso, essa pesquisa pretende contribuir academicamente, pois a literatura oferece poucos estudos voltados para os fenômenos e o dialeto do município de Parintins, com isso serve de consulta bibliográfica para futuros estudos. Assim, para compor esta pesquisa foram abordados os estudos de Katriane Jacaúna Farias (2010), Maria Luiza de Carvalho Crus (2004), Edson Galvão Maia (2017), Erick Marcondes da Silva Pinto (2017), entre outros.

Palavras-chave: Palatização, Fonética, Fenômeno, Fonologia, Coda, Pesquisa.

ABSTRACT

This work aims to analyze the phenomenon of palatization in the speech of residents of the municipality of Parintins. For this, it takes into account phonetic and phonological aspects of the phenomenon. In addition, this research seeks to deepen the studies of this phenomenon that characterizes the speech of those who live in Parintins. The paper presents research results on palatization in /s/ in syllabic coda, in the middle and at the end of words. The methodology is qualitative, from the field and followed assumptions of theoretical-methodological procedures. Data collection was performed through an interview recorded by the researcher and by reading a list of words. The work was justified by the curiosity to understand how palatization actually occurs in Parintins' speech, how it is carried out, and if this phenomenon is part of the linguistic characteristic of the Parintinese dialect. In addition, this research intends to contribute academically, since the literature offers few studies focused on the phenomena and the dialect of the municipality of Parintins, thus serving as a bibliographical reference for future studies. Thus, to compose this research, the studies of Katriane Jacaúna Farias (2010), Maria Luiza de Carvalho Crus (2004), Edson Galvão Maia (2017), Erick Marcondes da Silva Pinto (2017), among others.

Keywords: Palatalization, Phonetics, Phenomenon, Phonology, Coda, Research.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPITULO I: REFERENCIAL TEÓRICO	12
1.1 LÍNGUA, LINGUAGEM E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	12
2.1 DIALETO E A PESQUISA DIALETAL NO AMAZONAS	15
3.1 FONÉTICA	17
4.1 FONOLOGIA.....	27
5.1 SÍLABA	30
6.1 PROCESSOS FONOLÓGICOS E A PALATIZAÇÃO DO /S/ EM CODA.....	34
CAPITULO II: METODOLOGIA	37
CAPITULO III: ANÁLISE E DISCUSSÕES DE DADOS	45
Considerações Finais	58
Referências Bibliográficas	60

INTRODUÇÃO

O fenômeno conhecido pelo nome de palatalização, é um dos fenômenos linguísticos mais estudados dentro do Brasil. De acordo com Cagliari (2002) o fenômeno chamado de palatalização é um dos mais estudados no Brasil. É um fenômeno que ocorre em certos dialetos.

Dessa forma, a palatalização é um processo fonológico, no qual as consoantes adquirem uma articulação secundária palatal, ou somente mudam seu ponto de articulação primário para uma região mais palatal ou proximidades. Essas consoantes são geralmente influenciadas por uma vogal anterior adjacente.

Esse fenômeno é especialmente estudado na realização de oclusivas alveolares /t/ e /d/ “em que os fonemas /t/ e /d/ têm como alofones [tʃ, dʒ], quando seguidos de vogal anterior alta [í, i]”. (CAGLIARI, 2002, p. 128) Como por exemplo, em tia [tʃia] e dia [dʒia]. Como esse processo no português brasileiro é alofônico, pode ocorrer com outras consoantes, uma delas é o arquifonema /s/ que é estudo dessa pesquisa.

A palatalização pode ser estudada tanto pela perspectiva fonológica, quanto pela perspectiva fonética, usando-se de *software* para fazer a análise e síntese da fala.

Deste modo, esse trabalho surgiu pela necessidade de observar como esse fenômeno se encontra dentro da fala dos munícipes de Parintins.

Com isso, esta pesquisa, tem como ponto fundamental fazer uma análise linguística e um estudo voltado para a fala Parintinense. Pois, a literatura oferece poucos estudos relacionados a esse tópico. Nesse sentido, faz-se necessário apresentar e responder os seguintes questionamentos: O parintinense tem conhecimento de sua fala e do chiado que está presente nela? Como se encontra a palatalização em Parintins, do ponto de vista fonético e fonológico? Problematizar essas questões se torna necessário para contribuir como literatura para próximas pesquisas.

Com base nisso, essa pesquisa busca responder esses questionamentos, partindo do ponto de três hipóteses, 1. Na fala do parintinense ocorre palatalização do /s/ em coda silábica; 2. O /s/ palatalizado ocorre independentemente do contexto e dos fatores sociais como idade, gênero e escolaridade; 3. Fatores linguísticos, como sonoridade e contexto seguinte favorece a fricativa palatal sonora [ʒ] em meio de palavra; 4. Fatores linguísticos, como contexto silábico e vogal antecedente pode favorecer a fricativa palatal surda [ʃ] em final de palavra.

Assim, primeiramente foi realizada uma pesquisa bibliográfica, utilizando-se artigos, monografias e pressupostos teóricos como os de Farias (2010) que em seu trabalho sobre o dialeto Parintinense, revelou a existência do fenômeno da palatização, acontecendo no /s/ em posição de coda, Maria Luiza de Carvalho Crus (2004) em sua pesquisa revela que em regiões do baixo Amazonas há um uso maior da fricativa alveopalatal em contexto pós-vocálico e entre outros.

Assim, fez-se necessário ir a campo para realizar entrevistas com informantes do município de Parintins, ambos os sexos, estipulando a idade entre 18 a 30 anos e mais de 30 anos.

O presente estudo divide-se em três capítulos: Capítulo I: Referencial Teórico, Capítulo II: Metodologia e Capítulo III: Análise e discussões de dados.

O capítulo I se divide em seis tópicos. O primeiro intitulado “Língua, Linguagem e Variação Linguística” trata sobre os conceitos de língua e linguagem, concepções feitas por vários autores e ainda irá falar sobre a variação linguística, seu conceito e subdivisões.

O segundo tópico, “Dialeto e a Pesquisa dialetal no Amazonas”, irá refletir sobre o termo dialeto, trazendo conceitos e sua relação com as variações regionais. Tratará, ainda, sobre como encontra-se a pesquisa dialetal no Amazonas e quais delas tiveram como foco o dialeto parintinense

O terceiro tópico é intitulado “Fonética”. Neste tópico, iremos tratar sobre o conceito de fonética, suas divisões, essa parte é subdividida em “Fonética Acústica” na qual trataremos sobre aspectos da onda sonora, harmônicos, frequência fundamental, tipos de ondas, entre outros.

O quarto tópico intitulado “Fonologia” tratará sobre o papel da fonologia na produção dos sons da fala humana. Esse tópico é subdividido em “Fonemas e Alofones” seus conceitos e suas diferenças;

O quinto tópico, intitulado “Sílabas”, irá tratar sobre aspectos da sua formação e estrutura.

O sexto tópico, intitulado “Processos fonológicos e a palatização do /s/ em coda”, falará sobre os processos fonológicos que alteram o morfema e também sobre o que é palatização e sua presença em outras regiões do país.

Em seguida, teremos o capítulo II sobre a “Metodologia”, que detalha os métodos utilizados na coleta e análise dos dados. Por tratar-se de um estudo qualitativo, o método escolhido foi o trabalho de campo, com a técnica da entrevista. Foram gravados sete informantes da cidade de Parintins.

No capítulo III está a “Análise e discussão de dados” que é dividida em três partes, na primeira será feita a análise das falas, com destaque de alguns trechos das gravações. A segunda parte, tratará sobre a análise das palavras lidas pelos informantes, gravadas logo após as entrevistas. Já o terceiro tópico, mostrará como se encontra o fenômeno da palatização do /s/ em coda na fala parintinense, partindo do que foi analisado nessa pesquisa.

CAPITULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 LÍNGUA, LINGUAGEM E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A língua e linguagem no decorrer do tempo vem tendo diferentes concepções, cada teórico que se aprofunda dentro dos conceitos desses dois pontos, deixam sua contribuição para o fortalecimento desses dois conceitos.

Dessa forma, Koch (2010) destaca três principais teorias de como a linguagem tem sido concebida ao longo da história. O primeiro ponto, é a linguagem como representação do mundo e do pensamento, “o homem representa para si o mundo através da linguagem” (Koch, 2010, p. 07), aqui a língua tem função de “representar (=refletir) seu pensamento e seu conhecimento do mundo”. (Koch, 2010, p. 07)

A segunda teoria é a linguagem como instrumento de comunicação, nessa concepção segundo Koch (2010) a língua é um código, na qual um emissor comunica a um receptor determinadas mensagens. Já o papel da linguagem é a transmissão de informações.

A terceira concepção que Koch (2010) aponta é aquela que encara a linguagem como atividade e também como forma de ação.

Ação interindividual finalisticamente orientada; como lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ou comprometimentos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriormente inexistente. (KOCH, 2010, p. 07-08)

Já Lyon (1987), diz que a língua é fundamental para possuir ou usar uma linguagem. Nesse sentido, a língua é fundamentalmente importante para a linguagem, pois faz parte de um sistema de comunicação. Sendo assim, segundo Farias (2010, p. 12-13) “a linguagem é um todo que abrange vários sistemas de comunicação, ou seja, inclui outros tipos de linguagens”. Como por exemplo, a linguagem corporal, linguagem da sinalização, linguagem escrita e oral. Dessa maneira, a língua é um dos sistemas que pertence a linguagem humana

Dessa forma, Farias (2010) ressalta também, que a linguagem pode ser entendida como uma capacidade humana, na qual o homem é o único que a possui e habilidade para fazer uso do sistema da linguagem da comunicação.

Outra concepção de língua e linguagem que podemos destacar, é na linguística moderna, da qual Saussure é considerado criador. Segundo Saussure (2012, p. 41), “a linguagem é multiforme e heteróclita ela pertence, além disso ao domínio individual e ao domínio social;” nessa visão a linguagem se manifesta de diferentes tipos de signo, sendo

multiforme, como também, é heteróclita, por não ser classificada e estar sendo sempre em movimento, sendo recriada pelo homem como instrumento de comunicação. A língua é vista como estrutura.

A concepção de língua no conceito Saussuriano (2012), implica três aspectos: hábitos linguísticos, produto social e sistemas de signos. O sistema de signos, consiste na convenção social da relação de um conceito e uma imagem acústica, uma impressão puramente psíquica, que une a palavra com a ideia do objeto, ser ou sentimento, com isso a língua é necessariamente uma convenção social.

Além disso, outro conceito que podemos assinalar, é de Noah Chomsky, na qual a linguagem é uma capacidade inata do ser humano. Nesse sentido, “Chomsky concebe a língua como uma capacidade inata do homem, está para a concepção de linguagem em um sentido amplo” (Farias, 2010, p. 20). De acordo com Farias (2010) ainda para a afirmação de Chomsky, aponta que a língua não deve ser vista como um produto, mas sim como a habilidade que gera esse produto, as regras são internalizadas ao entrarem em contato com a comunidade linguística primária.

A língua e a linguagem não situam-se dentro das dimensões social e cultural, mas sim na dimensão individual do ser humano, na faculdade inata que é transmitida geneticamente e comum a todos os seres da mesma espécie.

Por outro lado, na visão da teoria da enunciação, quem assume o papel fundamental na constituição da linguagem é o falante. Além disso, nessa teoria leva-se em consideração, a situação, o lugar e o sentido. Logo, isso compõem a chamada língua de funcionamento. Para Farias (2010, p. 27) na “linguística da enunciação é que a linguagem passa a ser vista como forma de ação por meio da linguagem e lugar de interação entre os indivíduos, nas manifestações linguísticas em situações concretas.

Dessa forma, a língua e a linguagem dentro de uma comunidade de fala, sofre com as variações, que ocorre pela diversificação dos sistemas de uma língua. Para Bagno (2007) do ponto de vista sociolinguístico a língua é propriamente heterogênea, tendo sua multiplicidade, é variável, instável e está sempre em desconstrução e reconstrução. Apontando que a língua é uma atividade social, portanto, coletiva “a grande mudança introduzida pela Sociolinguística foi a concepção de língua como um substantivo coletivo”. (BAGNO, 2007, p. 39)

Dito isso, para Coelho (*apud* Souza, 2017), a variação linguística não é aleatória e nem acontece por acaso, dentro dela existem regras. Para o autor, a variação linguística pode ocorrer em variados níveis linguísticos e também sofre influências de forças internas

e externas. Bagno (2007) afirma também que para a sociolinguística nada na variação da língua é por acaso ou aleatório, pelo contrário, ela se estrutura, organiza-se, sendo condicionada por diferentes fatores, como linguísticos, extralinguísticos de ordem social, gramatical, geográfica, cultural, entre outros.

Além disso, o sistema linguístico por não ser homogêneo, sofre variações e mudanças no espaço e tempo. Para Gorski e Coelho (2009, p. 75), o sistema linguístico “é constituído de regras variáveis (ao lado de regras categóricas), que atuam em todos os níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático, lexical e discursivo”. As regras variáveis são regras que “relacionam duas ou mais formas linguísticas de modo que, quando a regra se aplica, ocorre(m) a(s) outras(s) forma(s)”. (COELHO et. al., 2010, p. 24) Sendo que essas regras podem ser condicionadas por fatores do contexto social e linguístico. Em suma, a língua é constituída de variações, que também podem ser chamados de dialetos.

Quanto a sua classificação, a sociolinguística costuma descrever a variação linguística segundo os seguintes tipos: a variação social, variação regional ou geográfica e variação estilística.

A variação social ou diastrática, está relacionada a fatores socioeconômicos e culturais das comunidades. Conforme Groski e Coelho (2009), “entram em jogo fatores como classe social, o sexo, a idade, o grau de escolaridade, a profissão do indivíduo”. Dessa forma, a variação social está relacionada com as classes existente na sociedade e o nível de alfabetização do indivíduo inserido nela. Bagno (2007), afirma que as pesquisas feitas no Brasil, apontam que o fator social de maior impacto sobre a variação linguística é o grau de escolaridade, que em sua maioria está atrelada ao *status* socioeconômico no país.

Existe ainda a variação estilística, essa variação segundo Groski e Coelho (2009) se manifesta nas diferentes situações do nosso dia-a-dia. Ela é usada de acordo com contextos sociais distintos. Quando estamos em meios mais formais, precisamos usar a linguagem adequada. Porém, quando estamos em um ambiente mais informal, usamos outro tipo de linguagem, a coloquial.

Nesse sentido, a língua se comporta de forma diferente, muda e se adequa ao contexto social em que o indivíduo está presente. Para Groski e Coelho (2009, p. 78) “a variação, portanto, é inerente à fala e está relacionada aos diferentes papéis sociais exercidos por cada um dos participantes”.

Por outro lado, pode-se observar a existência da variação regional. Para Vieira (2012), o Brasil por ter uma diversificação cultural, dialetológica, religiões e até de língua, como as dos povos originários e pela divisão regional, divide-se também os falares. Para a autora, é nessa divisão que essa variação é identificada, mais vista, comentada e que sofre com o preconceito linguístico. Além disso, “Cada região possui o seu dialeto, emprego e significado de algumas palavras que podem variar de acordo com local”. (VIEIRA, 2012, p. 175)

Segundo Gorski e Coelho (2009), a variação regional ou diatópica refere-se as diferenças linguísticas de indivíduos do mesmo país, mas de regiões diferentes ou de indivíduos de outros países. Podemos encontrar essa variação em todos os níveis linguísticos. Há diferenças da variação regional do português do Brasil e de Portugal, como por exemplo, no campo fonético. No qual, os autores chamam a atenção para a palatização do /t/ e do /d/ antes de /i/ tônico, que acontece no Brasil, porém, em Portugal se preserva a não palatização e a semivocalização e velarização do /l/ no final da sílaba da palavra. Em que, a semivocalização do /l/, como em anima[w] acontece no Brasil e a velarização acontece em Portugal, como em anima[l].

2.1 DIALETO E A PESQUISA DIALETAL NO AMAZONAS

O dialeto é um termo usado para nomear a variedade de uma língua. Segundo Farias (2010) a variação dialetal, é entendida como o uso de uma mesma língua, que é influenciada por fatores sociais e também geográficos. Embora o dialeto não tenha fronteiras geopolíticas, o dialeto caracteriza a heterogeneidade da língua. Para Mané (2012), o fato de o dialeto ser sempre subordinado a uma língua, mostra as estruturas sociais nas quais os termos são alocados. Isso evidencia e concede ao dialeto um *status* de menor relevância.

De acordo com Insfran (2019) a variedade da língua própria de uma região ou território, é considerada um dialeto. Além disso, deve ser levado em conta as diferenças linguísticas originadas pelas “idade dos falantes, sexo, classes ou grupos sociais e da própria evolução histórica da língua: pessoas que se identificam e utilizam uma linguagem mais ou menos comum, com vocabulário, expressões e gírias próprias do grupo”. (INSFRAM, 2019, p. 05)

No Brasil, a diversidade de dialetos é enorme, por ser um território bastante extenso e de dimensões continentais, acarreta nessa diversificação dos falares. Porém, além disso, muitos outros fatores acarretam para essas variações, como a vinda de

imigrantes de outros países, como também o contato com os povos originários e de outras regiões do lugar. Esse contato linguístico, acarreta na relação entre duas ou mais línguas, uma começa a assimilar palavras, estrutura gramatical, vocábulos da outra. No Amazonas, o contato com a língua dos povos indígenas, influenciou o português falado hoje, como por exemplo a palavra curumim, de origem indígena.

Para Insfran (2019) o dialeto se refere a variedade de uma língua própria de uma região ou território. Aponta também para o fato das diferenças linguísticas originadas pela idade, sexo, classes ou grupos sociais e da própria evolução da língua. Nesse sentido, o dialeto marca a presença do regionalismo na fala de um indivíduo, não é apenas um termo que designa a variedade da língua, mas algo que se relaciona com o contexto linguístico, social, cultural, e regional, para contribuir com a finalidade da comunicação de um determinado grupo social.

Assim, no dialeto amazonense que possui influências linguísticas de diferentes modos de falar, de imigrantes de outros estados e de outros países, existem estudos dialetológicos que apontam para traços de peculiaridades e que tipificam o dialeto falado no Amazonas. Segundo Quara e Justiniano (2010) foi em 1980, o primeiro estudo dialetológico voltado para a região. Intitulado *O falar do “caboco” amazonense: aspectos fonéticos-fonológicos e léxico-Semântico de Itacoatiara e Silves*.

A pesquisa pioneira, segundo Quara e Justiniano (2010) foi desenvolvida em nível de mestrado por Hidelvídia Correa, mostra que “Um dos aspectos mais interessantes documentados pela pesquisadora foi a realização predominante do alteamento do /o/ em posição tônica no falar dos municípios amazonenses estudados”. (QUARA & JUSTINIANO, 2010, p. 01)

Anos depois dessa pesquisa, em 2004, a professora Maria Luiza de Carvalho Cruz em sua tese de doutorado, defende o *Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)*. De acordo com Quara e Justiniano (2010) a professora investigou 9 municípios de 9 microrregiões do estado.

Em sua pesquisa, Cruz (2004) aponta que o Amazonas, por ser o maior estado do Brasil, acaba por ser um excelente espaço para pesquisa dialetais. Assim, buscou através de questionários formados por 483 questões em fonética e fonológica, alguns fenômenos. Por exemplo, a “redução dos ditongos /ey/ -> [e] e /ow/ -> [o] / [u]”. (CRUZ, 2004, p. 03).

De acordo com Cruz (2004), a pesquisa buscou observar o alteamento da vogal /o/ para [u], como exemplo em “canoa” [ka’nua]. Além disso, o abaixamento da vogal /u/

para [o], como por exemplo em “tudo” [‘todo], a realização das vibrantes laterais e /s/ em todos os contextos.

Além disso, por meio dessas pesquisas das cartas fonética-fonológica e Semântica-Lexical, Cruz (2004) chegou a resultados que caracterizam o conjunto da fala amazonense.

- a) Há significativa ocorrência de abaixamento das vogais mediais pretônicas, embora se tenham encontrado também significativos índices de frequência de [e o], bem como de alteamento [i u], em alguns vocábulos;
- b) O alteamento, em contexto tônico, da vogal posterior média fechada, que, há muitos anos, é considerado como típico dos falares do Amazonas e do Pará, teve baixíssima representatividade na região;
- c) Os ditongos /ei/ e /ou/, nos contextos considerados condicionadores de monotongação, apresentam significativos índices de produtividade;
- d) Predominam as variantes alveolares de –S pós-vocálico nos contextos medial e final de vocábulo, tendo-se, no entanto, observado que as variantes pós-alveolares apresentam grande produtividade basicamente em três localidades: (1) Barcelos, (8) Itacoatiara e (9) Parintins.
- e) O R- forte pré-vocálico inicial de vocábulo ou intervocálico é produzido, quase de forma categórica, como fricativa glotal surda;
- f) O /t/ e o /d/ realizam-se, categoricamente, como africadas pós-alveolares diante de /i/ e como oclusivas alveolares, nos demais contextos. O /l/, em contexto pós-vocálico, concretiza-se como semivogal posterior. (CRUZ, 2004, p. 08)

Os estudos dialetológicos no Amazonas seguem crescendo, com muitos estudos acerca dos padrões e das particularidades do dialeto amazonense. Portanto, o dialeto amazonense possui muitas variações, pelo fato de o Amazonas ser territorialmente grande e possuir influência de várias culturas e raças. Por isso, variações regionais no Amazonas são muitas, por conta das influências indígenas, nordestinas e várias outras culturas, como a japonesa e judaicas que se instalaram no baixo Amazonas.

Então, o dialeto amazonense é formado por uma variação dialetal muito grande, que forma o falar amazonense, fazendo com que um manauara diferencie um parintinense pelo modo de falar típico. Porém, vale salientar que Cruz (2004) aponta traços que unificam e tipificam a variação dialetal amazonense.

3.1 FONÉTICA

Segundo Cagliari (2002) a preocupação da fonética é principalmente descrever os fatos físicos que caracterizam linguisticamente os sons da fala. Descrevendo os sons, buscando dizer se os mecanismos e processos de produção de fala estão envolvidos em um determinado segmento ou cadeia sonora da fala.

E para isso, segundo Bisol (2005) a língua é o meio mais completo de comunicação entre indivíduos, usado por todos os seres humanos, é natural e integrante

da vida humana. Além disso, os falantes que interagem socialmente uns com os outros, não tem noção da organização interna da língua e do sistema que a constitui.

Assim, a fonética é responsável por estudar a realidade física dos sons, que são produzidos pelos falantes. É papel da fonética pesquisar sobre os sons do ponto de vista articulatório, analisando e verificando como os sons são articulados ou produzidos pelo aparelho fonador, “ou do ponto de vista acústico, analisando a propriedades físicas da produção e propagações de sons” (BISOL, 2005, p. 11) ou ainda, pelo ponto de vista auditivo, que analisa a recepções dos sons.

De acordo com Silva (2003), a fonética apresenta métodos, classificações e transcrição dos sons da fala humana. Já Bisol (2005) afirma que a fonética mostra os sons que efetivamente são produzidos pelos falantes, ou seja, cabe a ela estudar os sons que são produzidos pelos falantes em toda sua totalidade.

Dessa forma, Seara et. al. (2011) diz que podemos estudar os sons produzidos por um falante, partindo de sua forma fisiológica, ou seja, estudando os órgãos que produzem os sons, “tais como a língua, responsável pela articulação da maior parte dos sons da fala; e a laringe, responsável principalmente pela produção da voz que leva à distinção entre sons vozeados (sonoros) e não vozeados (surdos)”. (SEARA et. al. 2011, p. 11-12)

Outra forma de se estudar a fala, segundo Seara et. al. (2011) é analisando os sons que são gerados por esses órgãos, tendo como base as propriedades sonoras, que são transmitidas pelos sons. Além disso, pode-se ainda examinar a fala, analisando o processamento da onda sonora, sob a ótica do ouvinte, com isso percebendo os sons e dando sentido aquilo que foi ouvido. Nesse sentido, para Seara et. al. (2011) são esses os aspectos que podem ser considerados no estudo fonético da fala.

Partindo da premissa do ponto de vista articulatório e fisiológico da análise da produção da fala, devemos entender os mecanismos de articulação desses sons, “precisa-se inicialmente conhecer os diferentes órgãos responsáveis pela realização dos sons das línguas naturais, ou melhor, o aparelho fonador humano”. (SEARA et. al. 2011, p. 17)

Segundo Silva (2003) existem alguns órgãos que são utilizados na produção da fala, porém eles não existem para essa função, suas funções primarias são outras.

Nesse sentido, Seara et. al. (2011) diz que a fala é o resultado das articulações dos sons, “podemos dividir em três grupos os órgãos do corpo humano que desempenham um papel na produção da fala: o sistema respiratório, o sistema fonatório e o sistema articulatório”. (SILVA, 2003, p. 24)

O sistema respiratório consiste dos pulmões, dos músculos pulmonares, dos tubos brônquios e da traqueia. O sistema respiratório encontra-se na parte inferior à glote, que é denominado cavidade infraglotal (cf. figura 1). A função primária do sistema respiratório é obviamente a produção da respiração. (SILVA, 2003, p. 24)

O sistema fonatório, por sua vez é constituído pela laringe. Segundo Silva (2003), é nela que estão localizadas as pregas vocais, que podem obstruir a passagem da corrente de ar. Além disso, existe o espaço da não obstrução destes músculos laríngeos, que é denominado glote.

A função primária da laringe é atuar como válvula que obstrui a entrada de comida nos pulmões por meio do abaixamento da epiglote. A epiglote é a parte com mobilidade que se localiza entre a parte final da língua (ao fundo da garganta) e acima da laringe. (SILVA, 2003, p. 24-25)

Já o último sistema que faz parte do aparelho fonador é o articulatório, que envolve e é constituído pela “[...] faringe, língua, nariz, dentes e lábios. Ou seja, das estruturas que se encontram na parte superior à glote (cf. figura 1).” (SILVA, 2003, p. 25)

Além do mais, a função primária desempenhada por aqueles órgãos são inúmeras, que se relacionam principalmente ao ato de comer, morder, mastigar, sentir o paladar, o cheiro e entre outras funções.

Seara et. al. (2011) divide o aparelho fonador em duas regiões, a região subglótica e supraglótica, “essa divisão acontece a partir da glote, em função de ser acima dela que se encontra as cavidades responsáveis pelas ressonâncias vocais”. (SEARA et. al. 2011, p. 17) Desse jeito, na região supraglótica encontram-se a cavidade oral, a cavidade nasal, as pregas vocais, laringe e língua. Já a região subglótica é constituída pela tranqueia, pulmões e diafragma.

De acordo com Seara et. al. (2011) os órgãos envolvidos na produção da fala humana são divididos em articuladores: passivos e ativos.

Os articuladores passivos, aqueles que se movimentam para a realização dos diferentes sons da fala, são constituídos: pela língua (que divide em ápice (ponta), lâmina e dorso) e lábio inferior, que alteram a cavidade oral; pelo véu do palato, que é responsável pela abertura e fechamento da cavidade nasal; e pelas pregas vocais. Os articuladores passivos compreendem o lábio superior, os dentes superiores, os alvéolos (região crespa, logo atrás dos dentes superiores), o palato duro (região central do céu da boca) e o palato mole (final do céu da boca). (SEARA et. al. 2011, p. 18)

Considerando isso, os sons do português brasileiro, assim como outras línguas naturais “são produzidos com fluxo de ar egressivo, ou seja, nós emitimos os sons do português quando o ar se dirige para fora dos pulmões”. (SEARA et. al. 2011, p. 19)

Se tratando de pregas vocais, Seara (2011) diz que elas podem estar fechadas, bloqueando o ar, ou na posição do ciclo vibratório, em que há uma vibração das pregas, na qual são produzidos os sons vozeados ou sonoros, “com o ar passando sem restrições pela laringe, produzindo os sons chamados de não vozeados ou surdos”. (SEARA et. al. 2011, p. 21)

Outro movimento necessário à classificação dos sons da fala é o do véu do palato [...]. Quando está levantado, ele bloqueia o ar para as cavidades nasais e os sons produzidos são chamados de orais. No entanto, quando um som da fala é produzido com o véu do palato abaixado, permitindo a saída do ar também pelas narinas, têm-se os chamados sons nasais. (SEARA et. al. 2011, p. 22)

Portanto, o aparelho fonador é fisiologicamente responsável pela produção dos sons. Tendo-se limitado a poucos sons possíveis em uma língua. Porém sons nos quais a articulação envolve a língua em contato com os dentes incisivos superiores, ai sim são atestados inúmeros sons.

3.1.1 FONÉTICA ACÚSTICA

A fonética acústica, como já tido, é responsável por estudar as propriedades físicas dos sons, ou seja, é estudar os sons das falas partindo das ondas sonoras.

Para Fails e Clegg (2022) a fonética acústica tem como princípio de estudo as ondas que são transmitidas entre emissor e o receptor. Assim, essa parte da fonética acaba por se inteirar das propriedades dos sons emitidos, sendo que “o som é formado por perturbações das moléculas de ar, e pode ser compreendido sob a perspectiva física ou sob a perspectiva psicofísica.” (SILVA et.al, 2019, p. 37) Dessa forma, a fonética acústica é responsável por analisar os sons sob a perspectiva física, dando atenção para a produção.

Para Barbosa (2022) o som acontece por conta de uma variação exercida nas partículas de ar, ocorre uma pressão em nosso sistema auditivo, fazendo com que ocorra a propagação da onda sonora por esse meio elástico. Essas partículas, se propagam, fazendo com que em cada vibração de partículas de ar empurrem partículas próximas. Dessa forma, criando com isso o efeito dominó.

Assim, a fonética acústica é responsável por analisar os sons sob a perspectiva física, dando atenção para a produção e suas propriedades.

Essas propriedades segundo Berro (2018) podem ser tanto segmentais, os fones, como também suprasegmentais, representadas pela entoação, ritmo, etc. Ao se analisar os contribuintes físicos dos sons da fala humana, a fonética acústica parte do ponto principal, as ondas sonoras, Silva et. al. (2019) aponta que as ondas sonoras são definidas

como o fenômeno que transporta energia através de um meio, elas são de variados tipos, como por exemplo, onda do mar, o movimento de um pêndulo, a autora aponta ainda:

As ondas sonoras são um tipo específico de ondas, em que a agitação sucessiva e coordenada das moléculas do ar proporciona o transporte de energia cinética das moléculas de um ponto a outro, com a propagação do som, sem, contudo, haver deslocamento espacial das próprias moléculas. (SILVA et. al., 2019, p. 40)

Segundo Fails e Clegg (2022) pode-se encontrar aspectos muito importantes nas ondas sonoras, tal como a amplitude, o período e o ciclo. A amplitude (Figura 1) está “relacionada a intensidade sonora, ou intensidade acústica, definida como a variação da energia sonora em um intervalo de tempo e através de uma área”. (SILVA et. al., 2019, p. 47), a amplitude também é definida como sendo a diferença entre um valor de referência, ou ponto de equilíbrio e o valor máximo, que se refere a máxima distancia alcançada pelo afastamento ao longo do tempo, tendo como escala de medida da amplitude, o decibel (dB).

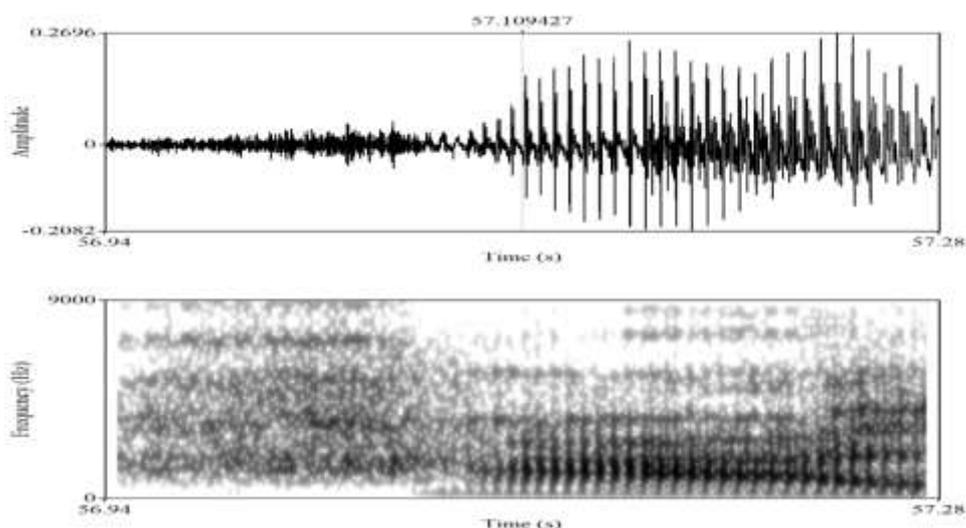


Figura 1: Amplitude e frequência da sílaba [ha] da palavra 'rasga'

O período, se define segundo Fails e Clegg (2022) como “o tempo necessário para completar um ciclo e que se mede no eixo horizontal”. O eixo horizontal, corresponde na Figura 1, ao valor correspondente ao tempo, nesse caso, pode-se observar que a sílaba [ha], tem a duração que é cerca de 340 ms (0,34 s). Já a amplitude, pode ser vista pelo eixo vertical ou ordenadas, a Figura 1, representada pela amplitude das ondas sonoras. Para Silva et. al. (2019) como os sons da fala são eventos que ocorrem muito brevemente, com isso a medida do tempo adotado é o milissegundo (ms).

Os ciclos (Figura 3) são trajetórias de energia que vão desde de uma posição de equilíbrio, ou o ponto zero, ocorrendo no eixo das abscissas ou do tempo, ele vai

“passando por valores positivos e negativos [...] a onda apresenta uma forma senoidal ao longo do espaço [...] e ao longo do tempo”. (SILVA et. al., 2019, p. 44) Os valores positivos, são sempre relacionados “com o momento de compressão da molécula de ar” (SILVA et. al., 2019, p. 45) e os valores negativos correspondem aos momentos de rarefação de moléculas de ar.

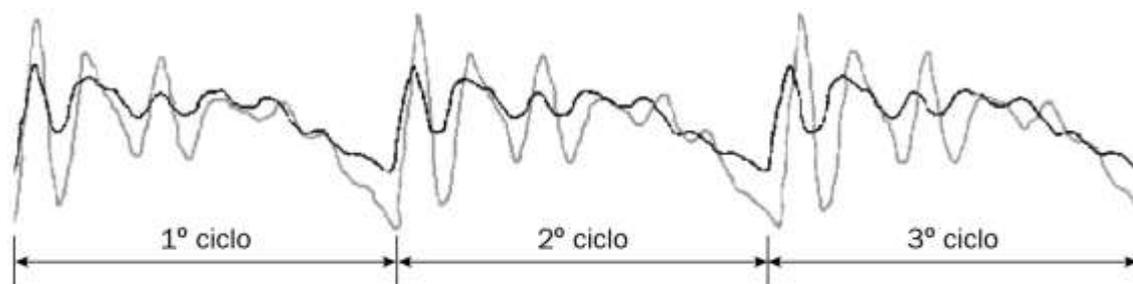


Figura 2: Ciclos glotais da vogal [a] (FAILS e CLEGG, 2019, p. 89)

Outro ponto importante na análise das ondas sonoras, é a frequência, “que corresponde ao número de ciclos glotais por segundo (cps)”. (SILVA et. al., 2019, p. 43) A unidade de medida da frequência é o hertz (Hz).

Além disso, a onda sonora é dividida em ondas simples e complexas, a primeira representa “mediante curvas senoidais que a transferência de energia ocorre regular e consistentemente”. (FAILS e CLEGG, 2022, p. 87) Por outro lado, as ondas complexas são formadas por ondas senoidais, nas quais se combinam formando ondas complexas, “para determinar o traçado da forma de uma onda complexa é preciso somar a amplitude das diferentes ondas simples que a compõem” (FAILS e CLEGG, 2022, p.)

Podem ser harmônicas ou periódicas, “por terem um período e um ciclo, ou seja, um padrão de movimento repetido através do tempo” (Fails e Clegg, 2022, p. 87), podem ser ondas inarmônicas ou aperiódicas, que é o inverso da primeira, tendo ondas que não mantem um padrão de movimento que se repete ao longo do tempo, “[...] portanto não tem ciclo nem período [...]”. (FAILS E CLEGG, 2022, p. 87).

Barbosa (2022), refere-se a periódica com aquela onda da fala que tem ciclos que se repetem de forma semelhante. Por outro lado, o autor diz, se em cada ciclo, as composições de uma onda muda de forma aleatória, temos uma onda aperiódica.

Segundo Silva (2019) dentro das ondas periódicas e aperiódicas, elas se subdividem em dois grupos, periódicas complexas e simples e aperiódicas transiente e continua.

A onda periódica simples consiste na realização de um único período, ou seja, mostra somente uma forma de onda, em que “o eixo das abscissas registra a escala temporal e o eixo das ordenadas registra a escala de amplitude” (SILVA et. al., 2019, p. 55) nessa onda também fica evidente uma única frequência, os ciclos glotais correspondem a 1s, e podem-se perceber quantos ciclos glotais se realizam na onda sonora simples.

Barbosa (2015) aponta que as ondas periódicas simples que compõem a onda glotal, são formadas por ondas com frequência de vibração das pregas vocais e dos seus múltiplos, os harmônicos. Segundo o autor, isso se dar por conta da presença dos múltiplos da frequência laríngea, assim, a primeira frequência é a fundamental.

As ondas complexas, são formadas por várias outras ondas simples, “cujas frequências são múltiplos inteiros da onda de mais baixa frequência” (SILVA et. al., 2019, p. 56), na Figura 2 é representada pela onda mais grossa, vale destacar que nas ondas complexas existe uma relação harmônica entre as diversas ondas simples que existem dentro dela e que elas são analisadas seguindo a “transformação matemática chamada Transformada de Fourier” (SILVA, et. al., 2019, p. 56), nessa transformação é possível obter frequências e amplitudes associadas a cada uma das ondas simples que compõem uma onda complexa.

Já segundo Silva et. al. (2019), as ondas aperiódicas são caracterizadas principalmente pela ausência de ciclos em intervalos regulares. A autora afirma que elas são divididas em transientes e contínuas, a primeira ocorre quando há um curto período de tempo, se tornando uma onda de extensão curta, “como o som produzido pelo estalar de dedos”. (SILVA et. al., 2019, p. 58)

A outra forma de onda aperiódica, denominada contínua, ocorrem por um período de tempo que se perduram por mais alguns instantes, ou seja, ao contrário da transiente ela dura um pouco mais, as ondas nesse modo, “[...] não tem nenhum padrão repetido ao longo do tempo”. (FAILS e CLEGG, 2022, p. 88)

Em Barbosa (2022) se caracteriza como onda transiente, sons que tenham duração pontual, como uma oclusiva. Já as ondas contínuas, tem sua duração mantida por um período de tempo mais longo.

As ondas aperiódicas contínuas caracterizam os sons fricativos, pois “tem uma duração considerável aos ouvidos” (SILVA et. al., 2019, p. 59), por outro lado, as ondas aperiódicas transientes mais vistas em oclusivas são “ondas que caracterizam a explosão dos sons oclusivos, tem duração extremamente reduzidas para os ouvidos [...]”. (SILVA

et. al., 2022, p. 59) Dessa forma, as fricativas e oclusivas apresentam como forma de ondas, as aperiódicas complexas.

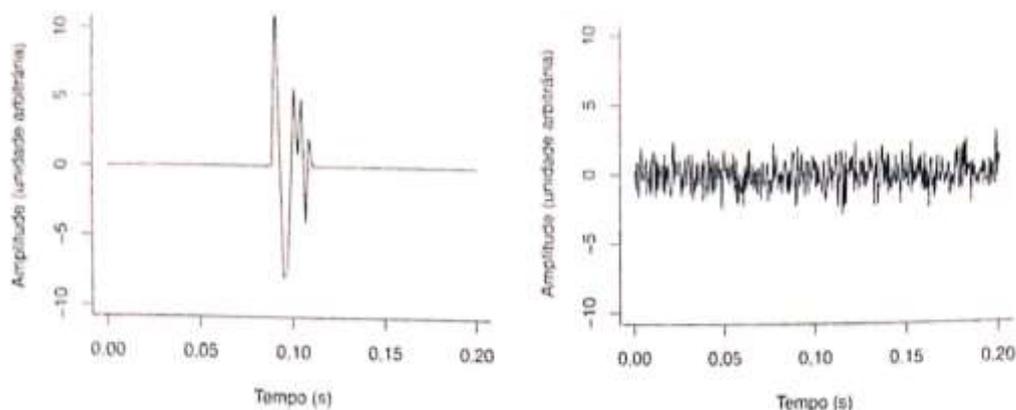


Figura 3: Formas de onda sonora aperiódica transiente (esquerda) e continua (direita) (SILVA et. al., 2019, p. 59)

Berro (2018) aponta que para a investigação dessas ondas sonoras, é preciso utilizar *softwares* e equipamentos adequados para analisar a acústica da fala. Essas ferramentas “permitem mensurar o tempo, a amplitude e a frequência das ondas sonoras complexas, próprias desses sons”. (SANTOS, 2013, p. 23) Existem aspectos que são bastantes importantes para análise das ondas sonoras, pela fonética acústica, como: Forma de onda, Espectrograma e a Representação espectral.

A forma de onda, corresponde a vibração, movimento e frequência das ondas, assim como a medição da amplitude e as formas que as ondas tomam no decorrer do tempo, algo que já foi exposto ao longo desse tópico, esses fundamentos são apresentados no oscilograma (Figura 4), que registra “no eixo das abscissas, os instantes de tempo – medidos em segundos – e, no eixo das ordenadas, os parâmetros de amplitude que compõem a onda sonora [...]”. (SILVA et. al., 2019, p. 67)

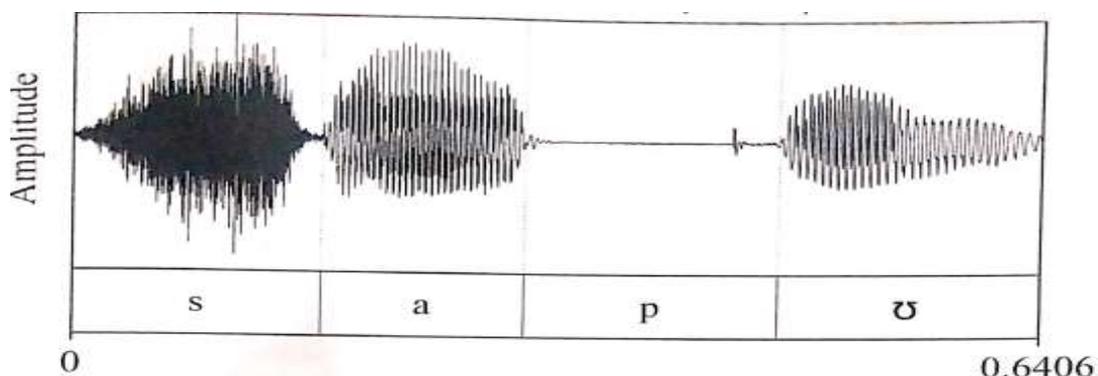


Figura 4: Forma de onda da palavra **sapo** (SILVA et. al., 2019, p. 67)

Conforme Fails e Clegg (2022) a forma de onda consegue muito bem representar a amplitude da onda sonora, fazendo uma diferenciação entre as consoantes e as vogais,

mas por outro lado, não permite que sejam feitas diferenciações entre as diversas vogais e específicas consoantes.

Outro aspecto é o espectrograma (Figura 5), modo em que se registra tempo e a frequência de uma onda sonora, com essa ferramenta é possível observar a amplitude dos componentes frequenciais que compõem uma onda sonora, “é registrada pelo menor ou maior escurecimento do traçado”. (SILVA et. al, 2019, p. 68)

No espectrograma, de acordo com Silva et. al. (2019) consegue-se representar com precisão os eventos acústicos que são apresentados em vogais e consoantes, ele é dividido em espectrograma de banda estreita e banda larga.

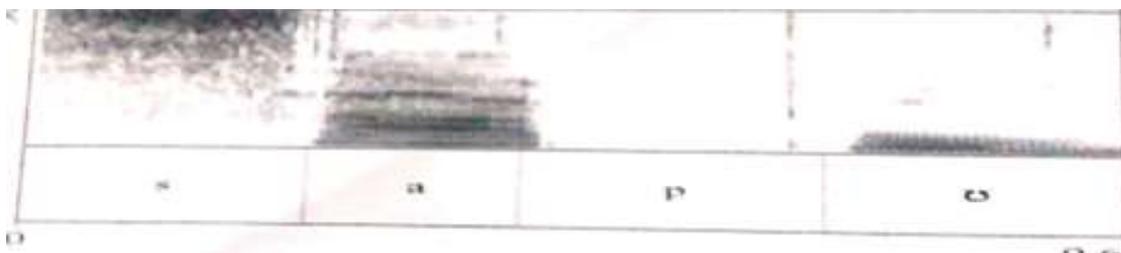


Figura 5: Espectrograma da palavra **sapo** (SILVA et. al., 2019, p. 68)

O primeiro “examinam a onda sonora de uma perspectiva mais próxima” (FAILS e CLEGG, 2019, p. 95), são específicos para analisar os harmônicos de uma onda sonora, isso faz com que sejamos certos na frequência ao observar os harmônicos, mas sejamos imprecisos em relação ao tempo, pois “os filtros de banda estreita priorizam o detalhe frequencial”. (SILVA et. al., 2019, p. 70)

O espectrograma de banda larga, “deve ser usado quando se quer detalhes relacionados a questão de ordem temporal ou quando se quer verificar mudanças gerais em termos de frequência [...] em função do tempo”. (SILVA et. al., 2019, p. 70) Esse filtro, acaba por priorizar o afastamento da análise da onda, ou seja, diferentemente da banda estreita, ele não distingue os harmônicos, “veem-se somente os grupos de harmônicos que foram reforçados ou atenuados.” (FAILS e CLEGG, 2022, p. 96) Esses harmônicos que são reforçados são chamados de **formantes**.

Segundo Silva et. al. (2019) o tipo de espectrograma comumente utilizado pelos analistas de fala, é o de banda larga, já que esse filtro permite fazer observações da mudança dos padrões formânticos no tempo. Já o espectrograma de banda estreita, é

utilizado para verificar variações no padrão glótico, esse é adotado pois fornece detalhadamente as informações da frequência.

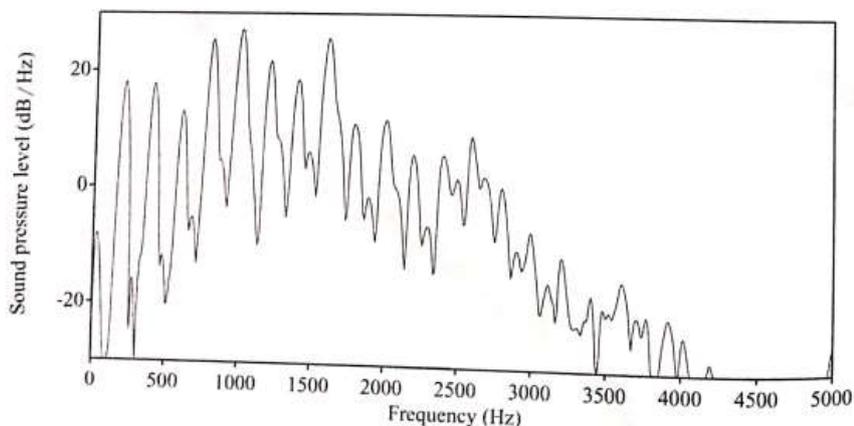


Figura 6: Espectro da vogal [a] da palavra **sapo** obtido pela Transformação Rápida de Fourier (FFT) (SILVA et. al., 2019, p. 74)

O terceiro aspecto (Figura 6), é a representação espectral que consiste em representar “as diversas frequências presentes em um som composto por uma onda sonora complexa” (SILVA et. al., 2019, p. 72), nesse modo as ondas são decompostas em ondas simples, nesse espectro em um som periódico é possível observar a frequência mais baixa e seus valores múltiplos, ou seja, é possível observar a frequência fundamental.

De acordo com Barbosa (2019), a frequência Fundamental (F0) representa o correlato acústico de vibração das pregas vocais, pode ser medido em *Semitom*, partindo da transformação logarítmica do seu valor em *Hertz*. Esse correlato da frequência fundamental, corresponde também ao número de vezes em que as pregas vocais oscilam no tempo de um segundo.

Segundo Barbosa (2022) podemos observar na representação da frequência, o espectro, mostra por meio de barras verticais, a amplitude e a frequência das ondas periódicas simples, pode-se observar na figura 5, a amplitude e frequência da vogal [a]. O autor aponta ainda, que “a posição de cada barra na abscissa assinala a frequência e a altura de cada barra, a amplitude”. (p.26) Na figura 5, o eixo horizontal corresponde a frequência (Hz) de uma janela de 25 ms na região média da vogal [a].

O espectro de qualquer som pode ser retirado por meio da análise de Fourier (Figura 6), que consiste em “[...] transformar uma forma de onda representada em amplitude e tempo em uma forma de onda representada em amplitude e frequência denominada espectro”. (SILVA et. al., 2019, p.75)

Com isso, na análise acústica da fala as ondas espectrais são um dos meios para se chegar as frequências harmônicas dos sons produzidos pelos falantes, os já

mencionados formantes. Temos presente em uma fala mais de três formantes, esses são possíveis de serem observados através do espectrograma de banda larga.

Segundo Silva et. al. (2019) uma onda complexa pode apresentar, no espectro, frequências de ondas de 100Hz, 200Hz e 300Hz, que correspondem aos harmônicos das ondas complexas. A análise pode ser feita com um som completo ou uma pequena amostra do som, em que é possível verificar em detalhes, as frequências que existem nela.

Silva et. al. (2019) diz ainda que a representação gráfica do som da fala pode ser feita pela análise de Fourier e pela análise LPC, a sigla FFT corresponde a análise de Fourier, que foi falada nesse tópico, e a sigla LPC, Barbosa (2022) diz que:

[...] (LPC na sigla em inglês para Linear Predictive Coding), que permite a separação do efeito de filtragem do trato vocal do espectro de fonte sonora. Essa técnica só é adequada para vogais e ditongos orais, pois não é concebida para encontrar a posição de antiformantes presentes nos demais sons, consoantes e vogais e ditongos nasalizados. (BARBOSA, 2022, p.71)

Segundo Silva (2019) a análise permite obter a envoltória espectral e as frequências que correspondem aos formantes. Essa técnica representa um trecho do sinal da fala, faz isso combinando linearmente amostras do sinal de fala. Ela não leva em consideração o sinal de excitação do trato vocal o F0.

4.1 FONOLOGIA

A fonologia é, segundo Bisol (2005, p. 11), “a forma sistemática como cada língua organiza os sons”. Para a autora, dedica-se ao estudo dos sistemas de sons, também de sua estrutura e funcionamento, cabendo a fonologia analisar a forma das sílabas, morfemas, palavras e frases, “como se organizam e como se estabelece a relação entre *mente e língua* de modo que a comunicação se processe” (BISOL, 2005, p. 11).

De acordo com Seara et. al. (2015) a fonologia tem como preocupação tratar dos sons que distinguem o significado das palavras. Além disso, tem como objetivo organizar, pressupor regras e entender como se dão as variações na realização dos sons. Dessa forma, em outras palavras, “O estudo fonológico neutraliza as variações intrínsecas à produção dos sons pelos falantes para explicar como ocorre o processo de comunicação e os fenômenos sistemáticos das línguas naturais”. (SEARA et. al., 2015, p. 21)

Nesse sentido, os estudos fonológicos precederam os estudos fonéticos voltados para a os sons da fala, e dessa forma “à medida que o olhar sobre o objeto da fonologia [...] mudava, mudavam também as teorias acerca desse objeto”. (SEARA et. al., 2011, p. 68) Com isso, fazendo surgir diversas teorias que tentam propor modelos que serão capazes de descrever os sons da língua, interpreta-los com base nas suas funções dentro

de um sistema linguístico, “como também as suas variantes contextuais ou posicionais”. (SEARA et. al., 2011, p. 68) Dentre essas as mais importantes são a estruturalista, funcionalista e a gerativista, em cada uma dessas correntes, a língua e a linguagem, são interpretadas e conceituadas de diferentes formas.

4.1.1 FONEMAS E ALOFONES

Para Cagliari (2002) os fonemas estabelecem uma oposição entre dois segmentos fonéticos, com isso estabelecendo oposições fonológicas, constituintes dos morfemas, estabelecem valores distintos no sistema da língua.

De acordo com Silva (2003), a fonêmica tem como um dos objetivos definir quais são aqueles sons de uma determinada língua que tem esse valor distintivo. “Sons que estejam em oposição – por exemplo [f] e [v] em *faca* e *vaca*” (SILVA, 2003, p. 126). Dessa forma, podemos notar aí que os sons [f] e [v] são distintos, são eles considerados como unidade fonêmica distintas, são chamados de fonemas.

Seara et.al. (2011) para esclarecer melhor o que é o fonema, dá o exemplo do verbo *vendiam* “se trocarmos o seu primeiro som para **p** teremos *pediam*, que é outra palavra em português, a qual se distingue de *vendiam*”. (SEARA et. al., 2011, p.73)

Outro exemplo que Seara et. al. (2011) dá, é a palavra *gatos*, que pode ser passado para *galos*. Aqui temos uma troca do terceiro som /t/ para /l/, dando com isso o significado diferente para a palavra. O mesmo acontece com seu primeiro som /g/ que mudando para o /r/ passa a ter então outro significado, *ratos*.

Para Silva (2003) o procedimento de identificação habitual de fonemas, é buscar palavras com significados diferentes, no qual a cadeia sonora seja idêntica. Dessa forma, /f/ e /v/ são definidos como fonemas distintos “uma vez que o par mínimo *faca* e *vaca* demonstra a oposição fonêmica. Dizemos que o par mínimo *faca/vaca* caracteriza os fonemas /f, v/ por **contraste em ambiente idêntico**”. (SILVA,2003, p. 129)

Mas por outro lado, existe o **contraste em ambiente análogo**, “quando pares mínimos não são encontrados para um grupo de sons em uma determinada língua, podemos caracterizar os dois segmentos em questão como fonemas distintos pelo contraste em ambiente análogo (CAA)”. (SILVA, 2003, p. 129)

Assim, duas palavras que ocorram em ambientes similares podem caracterizar o contraste em ambiente análogo, desde que as diferenças entre os sons não sejam atribuídas aos sons vizinhos (devido a processo de assimilação, por exemplo). (SILVA, 2003, p. 129)

Dessa forma, para ilustrar o contraste em ambiente análogo, Silva (2003) propõem os segmentos [s] e [z] em início de palavra, já que em posição intervocálica os segmentos são fonemas distintos, pois demonstram o contraste em ambiente idêntico *assa/asa*.

Um exemplo para demonstrar o contraste fonêmico em ambiente análogo entre [s] e [z] em posição inicial é o par de palavras *sumir/zunir*. Note que em *sumir/zunir* além da diferença segmental de [s] e [z] temos a diferença entre [m] e [n] precedendo a vogal tônica. (SILVA, 2003, p. 129)

Portanto, segundo Silva (2003) os segmentos [s] e [z], nas palavras *sumir/zunir* demonstram um contraste em ambiente análogo, tendo em vista que eles se encontram em posição inicial. Outro exemplo seriam as palavras *sapato/zapata; zombar/sambar*.

Assim, portanto, segundo Cagliari (2002, p. 24) “os sons que têm a função de formar morfemas e que, substituídos por outros ou eliminados, mudam o significado das palavras são chamados de fonemas”. Ainda de acordo com Seara et. al. (2011) é através do uso do teste de comutação, que podemos fazer um levantamento dos sons de uma língua que tem a função distintiva no fonema.

De acordo com Cagliari (2002) a detecção dos fonemas através da comutação, estabelece a função do fonema de acordo com o contexto, isso quer dizer, “um som pode estar em oposição fonológica com outro em determinado contexto, [...] mas, num outro contexto, tal oposição pode não se realizar”. (CAGLIARI, 2002, p. 25)

Quando a mudança do fonema não determina mudança no significado da palavra, temos um alofone. Cagliari (2002) afirma que se a substituição de um som por outro em mesmo contexto, “não produz mudança de significado no morfema [...] em vez de mostrar dois fonemas, mostra duas variantes fonológicas (dois alofones)”. (CAGLIARI, 2002, p. 25)

Já Seara et. al. (2011) diz que alofones são dois sons, de um determinado fonema, que são oposições que não implicam em mudança de significado no som. Nesse sentido, Seara et. al. (2015, 101) diz que “a palavra *terra*, que pode ser pronunciada, a depender do dialeto, como [‘tɛxɐ], [‘tɛhɐ] e [‘tɛrɐ], vemos diferenças nas produções (pronúncias) conforme atestam as possibilidades de pronúncia de sons de *erre*: como [x]-[h]-[r]”.

Silva (2003) diz que os alofones são identificados por meio do método de distribuição complementar, somente uma variante ou alofone desses dois segmentos ocorrerá. A escolha desse representante é feita, segundo Seara et. al. (2011) em função de sua maior presença na língua, isso quer dizer, o representante do alofone para representar o fonema, deve ser aquele que seria mais comum na língua, ou na facilidade de

explicação, levando em conta os valores naturais, articulatórios ou equilíbrios de valores fonológicos, “em outras palavras, onde uma das variantes ou alofones ocorre, a outra não ocorrerá” (SILVA, 2003, p. 129)

Nesse sentido, para Cagliari (2002) alofones são os representantes fonéticos dos fonemas, “as variantes são alofones de um mesmo fonema”, são variantes que não mudam o significado da palavra. (p. 26) E são representadas entre colchetes, como por exemplo, [x] e [l].

5.1 SÍLABA

A sílaba, segundo Roberto (2016), faz parte de um agrupamento de fonemas, uma estrutura fundamental que representa um ou mais fonemas, que são emitidos de uma só vez, fazendo parte da unidade mínima percebida pelo falante, como também sendo considerada o menor elemento na classe hierárquica da prosódia. Já para Cardoso (2009) a sílaba, do ponto de vista fonológico, é a maneira como os fonemas se combinam em cada língua para produção dos sons.

De acordo com Bisol (2005) existem basicamente duas teorias a respeito da estrutura interna da sílaba, uma é a autosegmental formulada por Kahn e a outra é a teoria métrica da sílaba, que foi baseada na proposta feita por Pike e Pike e Fudge. Para Bisol (2005, p. 102) “as duas teorias fazem previsões diferentes a respeito do relacionamento entre elementos no interior das sílabas”.

Nos anos 80 surgem outras discussões sobre a sílaba, como a proposta de Harris para o Espanhol. Segundo Bisol (2005) existe no espanhol uma regra de aspiração do /s/. Regra essa que evidencia a existência da rima como sendo um subconstituente da sílaba. A rima segundo Bisol (2005) constitui a estrutura silábica, juntamente o ataque, assim, a rima consiste em um núcleo em um núcleo (Nu) e uma coda (Co). Harris (*apud* Bisol, 2005, p. 103) aponta para “o fato de uma regra referir-se à rima prova que a rima existe”.

Dentro dessa rima, segundo Bisol (2005) existem duas unidades de duração. Em muitas línguas percebe-se a distinção entre sílabas pesadas e sílabas leves, rimas constituídas por uma vogal são leves e rimas constituídas por vogal + consoante ou por vogal + vogal são consideradas pesadas.

Além disso, na proposta defendida por Hyman “a ideia de que sílabas consistem em constituintes ou unidades de peso, tradicionalmente conhecidas como mora” (Bisol, 2005, p. 106). De acordo com Bisol (2005), mora é um constituinte ou unidade silábica que possui peso, uma sílaba leve consiste em uma mora, já uma sílaba pesada consiste

em duas. A autora aponta que, essa teoria toma a duração como propriedade distinta de outros segmentos.

Referente ao molde silábico, Bisol (2005) aponta que o molde serve para representar uma estrutura possível da língua, isso acontece, pois as línguas diferem quanto ao número de segmentos permitidos em cada constituinte, como afirma Collischonn (*apud* Roberto, 2006) o molde é a afirmação geral da estrutura silábica, essas que são possíveis em um determinada língua. Apesar da falta de consenso em relação ao molde silábico no PB, deve-se prestar atenção “[...] que existe em comum a todos os padrões, independentemente da teoria que se adote, é a presença de uma vogal (V)”. (ROBERTO, p, 73, 2016)

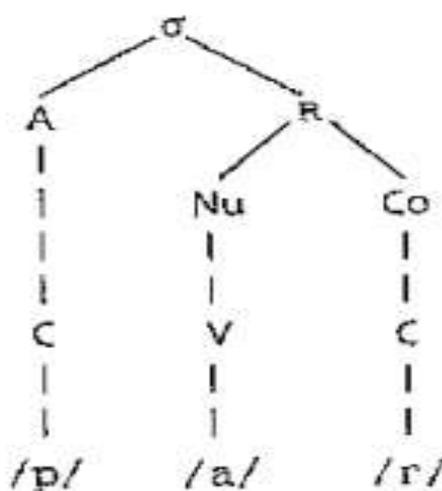


Figura 7: Estrutura da sílaba (ROBERTO, 2016, p. 72)

De acordo com Bisol (2005), existem dentro da sílaba condições universais de silabação, para podermos identificar como se divide uma sequência de segmentos dentro de sílabas.

No que se refere a essas condições, Bisol (2005) apresenta a sequência de sonoridade. A autora aponta que o elemento mais sonoro ocupara a posição do núcleo da sílaba, já os menos, ocuparão a posição de coda e ataque. Isso cria uma condição de uma boa formação de sílaba.

De acordo com Seara (2011) o *onset* ou Ataque, se encontra na posição pré-vocálica da sílaba, podendo ser ocupado por uma ou duas consoantes, a coda encontra-se em posição pós-vocalica, fazendo parte da rima, a coda pode ser ocupada por uma ou duas consoantes, tendo com isso a coda simples (uma consoante) coda complexa (duas consoantes).

Outra condição universal é o licenciamento prosódico, consiste segundo Bisol (2005) em uma hierarquia, um segmento prosódico inferior de um determinado nível pertence a um nível estrutural de prosódicas superiores, com isso, ocorre que na hierarquia prosódica:

[...] segmento – sílaba – pé – palavra fonológica – enunciado (cf. Nespor e Vogel, 1986), nenhum segmento pode aparecer na representação fonológica não associado a um nó silábico, nenhuma sílaba pode aparecer na representação não associada a um pé, e assim por diante. (BISOL, 2005, p. 111)

Dessa forma, os segmentos seguem princípios bastante restritos. “Para que a estrutura silábica não viole o princípio de Licenciamento Prosódico, as línguas dispõem de dois mecanismos de ajustamento: a epêntese e o apagamento” (BISOL, 2005, p. 114). Segundo Roberto (2016) o apagamento, é considerado um processo de estruturação silábica, envolve a supressão de um segmento na palavra, seja uma vogal consoantes, semivogal ou uma sílaba inteira. A epêntese, é um dos vários processos de acréscimo, são comuns o acréscimo de vogais dentro de palavras, o processo de epêntese.

Ainda na licença prosódica, Bisol (2005) aponta que ainda existem dois conceitos: o da ambissilabidade e da extrassilabidade. A primeira consiste em descrever consoantes que pertencem a sílaba precedente e a sílaba seguinte, ao mesmo tempo. O segundo conceito “[...] é um segmento que, durante o processo de silabação de uma dada sequência, não pode ser associada a nenhuma sílaba, mas que não é apagado porque é considerado invisível às operações de apagamento”. (BISOL, 2005, p. 116)

Sobre a ambissilabidade Bisol (2005) dá o exemplo do inglês *habit* “hábito” e *butter* “manteiga”:

O que se observou é que não há uma divisão claramente perceptível entre as duas sílabas nestes exemplos. Vejamos o caso de *habit* [hæbit]. A divisão poderia ser ha.bit (tanto [hæ] como [bit] são sílabas possíveis no inglês), mas também poderia ser hab.it ([hæb] e [it] são igualmente sílabas possíveis). Além disso, as consoantes apresentam um comportamento fonológico peculiar. Elas tendem a tornar-se mais débeis. É o caso /t/ em *butter* ([ba4A]), que se torna um tepe. (BISOL, 2005, p. 116)

Sobre a extrassilabidade Clements e Keyser (*apud* Bisol, 2005) defendem quem a consoante em *petit* do francês é extrassilábica:

[...] (porque a sílaba do francês não admite obstruintes na coda). O /t/ extrassilábico normalmente não se realiza, como em *petit garçon* e em *petit livre*, mas se realiza quando for seguido por uma palavra iniciada em vogal com em *petit enfant* ou *petit oiseau*. Nestes casos, o /t/ é silabado como ataque e não apagado. (BISOL, 2005, p. 114)

Como afirma Bisol (2005), no português não tem um número máximo de elementos que pode constituir uma sílaba. Isso acontece, pois existem divergências

teóricas em torno desse assunto. Porém, a autora traça um padrão silábico existente na língua. A exemplo, Câmara Jr. Divide a sílaba em aclave, ápice e um declive, já Lopez divide a sílaba em dois moldes: “um para sílaba subjacente e outro para a sílaba de superfície” (BISOL, 2005, p. 118)

Segundo Bisol (2005), Câmara Jr. diz que os ditongos em português são decrescentes, já os crescentes variam livremente com o hiato. O que existe no português é uma ressilabação pós-lexical, na qual os ditongos crescentes surgem da fusão da rima de duas sílabas diferentes.

Além disso, os ditongos no português apresentam variação com monotongos, estão divididos em: ditongos leves e o verdadeiro ditongo. A diferença entre os dois é que o ditongo verdadeiro ocupa apenas uma unidade de duração, ocorrendo uma divisão melódica e o primeiro ocupa duas unidades no esqueleto consoante vogal (CV).

A ressilabação é o que acontece na fronteira entre palavras do português. De acordo com Bisol (2005) são três fenômenos distintos a elisão, ditongação e degeminação. Segundo Roberto (2016) a elisão é um fenômeno que acontece dentro da palavra ou não, ocorre a queda ou cancelamento de algum elemento fonético-fonológico dentro da palavra. Ocorrendo na fronteira entre duas palavras, e somente entre duas vogais átonas, como exemplo, “merend[e]scolar”.

A ditongação, “é o processo de formação de ditongos com a vogal final de um vocábulo e a inicial de outro, desde que as vogais da sequência seja alta [...] e átona” (COLLISCHON *apud* Roberto, 2016, p. 127). Segundo Bisol (2005) acontece também no interior de palavras, como por exemplo, teoria>t[jo]ria.

De acordo com Bisol (2005) a degeminação ocorre somente quando duas vogais de palavras diferentes que se encontram são semelhantes, sendo que a segunda vogal não tenha acento primário, temos como exemplo de degeminação “menina alegre>menin[a]legre”.

Bisol (2005) diz ainda que, existem duas regras de domínio silábico, a primeira é a regra de velarização do /l/ que acontece antes de outra consoante e no final de palavras. A segunda regra é a de neutralização da sibilante antes de consoante e em final de palavras. Tendo como resultado desta, a perda de distinção de sonoridade.

6.1 PROCESSOS FONOLÓGICOS E A PALATIZAÇÃO DO /S/ EM CODA.

Os processos fonológicos segundo Cagliari (2002) são alterações de sons, que ocorrem em formas básicas dos morfemas, “são explicadas através de regras que caracterizam processos fonológicos”. (CAGLIARI, 2002, p. 99)

Dessa forma, esses processos, que alteram sonoramente o morfema, podem ocorrer para formar palavras ou no início ou no final de palavras justapostas. Segundo Seara et. al (2011) estão divididos em quatro categorias: assimilação, estrutura silábica, enfraquecimento e reforço. A assimilação, segundo Cagliari (2002) acontece quando um som se torna semelhante a outro, ou seja, “um segmento assume os traços distintivos de um segmento vizinho” (SEARA et. al., 2011, p. 109). Dessa forma, adquirindo uma propriedade fonética que ele não tinha. Esse processo podem ser visto na palatização e na labialização de “consoantes seguidas de vogais posteriores arredondadas tornam-se labializadas” (SEARA et. al., 2011, p. 109)

Na palatização os lábios se posicionam para a emissão da vogal, podendo se sobrepor diante do gesto consonantal das consoantes vizinhas, “consoantes seguidas de vogal alta anterior tendem a ser palatizadas, como *quilo* [‘kilo]”. (SEARA et. al., 2011, p. 109) A labialização “é a posição dos lábios que se mantém na emissão da consoante” (SEARA et. al., 2011, p. 109) Para Cagliari (2002) uma articulação secundária de arredondamento é acrescentada à articulação primária. Dessa forma, uma consoante, só estará na labialização, quando ocorrer entre duas vogais arredondadas, exemplo, /osu/→[os^wo]→(osso).

A estruturação silábica segundo Seara et. al. (2011) corresponde a alteração na distribuição de vogais e consoante, que podem ser inseridas ou eliminadas. Assim, dois segmentos se juntam, transformando-se em um único segmento, ou pode haver permuta entre eles. Ou seja, pode haver segundo Cagliari (2002) uma inserção, quando há um acréscimo de um segmento à forma básica de um morfema. Pode acontecer, um apagamento, uma supressão de um segmento da forma básica do morfema. Ou pode acontecer uma comutação, uma troca de segmento de posição dentro de um morfema.

Dentro desses processos fonológicos, ainda podem existir o enfraquecimento ou redução e também o fortalecimento. A primeira, segundo Seara et. al. (2011), corresponde às palavras que perdem um segmento, por exemplo, a palavra *fósforo*, é uma palavra proparoxítone, nesse sentido, tende a perder a penúltima vogal, sendo pronunciada como [‘fɔsfro].

Segundo Cagliari (2002) o fortalecimento tem a ideia contrária do enfraquecimento, nesse fenômeno, é provável uma fricativa torna-se oclusiva, ou o caso de uma vogal que se torna consoante, “exemplo: /pia/ [piia] [pilja] [piʎa] (pia)” (CAGLIARI, 2002, p.102)

Outro processo a ser destacado, é o da neutralização, Seara et. al. (2011) aponta para dois segmentos que se fundem em um contexto específico, como por exemplo, *júri* e *jure* as vogais finais nessas palavras e e i são pronunciadas como i, sendo então pronunciadas como [‘zuri], assim a neutralização é referente à altura vocálica.

De acordo com Cagliari (2002) o fenômeno chamado de palatalização é um dos mais estudados no Brasil. É um fenômeno que ocorre em certos dialetos “em que os fonemas /t/ e /d/ têm como alofones [tʃ, dʒ], quando seguidos de vogal anterior alta [í, I]”. (CAGLIARI, 2002, p. 128) Como por exemplo, em tia [tʃia] e dia [dʒia].

Assim, a palatização segundo Cagliari (2002), acontece quando um segmento se torna palatal ou semelhante a um som palatal, quando passa a adquirir uma articulação secundária palatizada ou africativizada. Nesse sentido, “uma consoante oclusiva alveolar [t] torna-se uma africada palatoalveolar [tʃ], quando se encontra diante de uma vogal anterior fechada [i].

A palatização do /s/ em coda silábica pode acontecer em posição final e medial. Segundo Pedrosa e Hora (2007) no falar paraibano, o /s/ se apresenta variável, pode acontecer como alveolar, ora como palatal, ora como glotal e até mesmo pode aparecer como apagamento, isso acontece pois, se modifica a depender da posição da sílaba na palavra. Para eles:

O /s/ de coda medial apresenta maior uso da fricativa coronal alveolar, [...] seguida da fricativa coronal palatal. A fricativa glotal apresenta pouca produtividade. [...] estando restrita aos itens mesmo ~ me[h]mo e desde ~ de[h]de. O apagamento também é pouco produtivo [...] e limita-se ao item mesmo ~ me[ø]mo. (PEDROSA E HORA, 2007, p. 5)

Além disso, essa variante palatal, em coda medial, fica restrita ao contexto dos fonemas /t/ e /d/. Nos demais contextos, “é a coda alveolar que aparece” (PEDROSA E HORA, 2007, p. 5) como por exemplo nas palavras, pa[]ta, ca[s]ca, ra[z]ga e de[ʒ]de.

Já em coda final, o /s/ no falar paraibano apresenta “as variantes alveolar, palatal, glotal e o apagamento”. (PEDROSA E HORA, 2007, p. 5) Segundo Pedrosa e Hora (2007) diferentemente da coda medial, as variantes que são mais produtivas aqui são a alveolar e o apagamento. Sendo que as variantes glotal e palatal são menos produtivas.

Para Pinto (2017) a palatização do /s/ é favorecida pela presença das variantes desvozeadas palatizadas nas capitais como São Paulo, Vitória, Goiânia, Curitiba, Campo Grande e Belo Horizonte. Além disso, foi possível observar que mesmo no contexto subsequente de /t +i/, em contexto seguinte no processo, essas capitais são caracterizadas pela predominância de alveolares, outro ponto, é o não favorecimento que a variante dentoalveolar /t/ oferece para a palatização.

CAPITULO II: METODOLOGIA

Essa monografia buscou analisar a palatalização do /s/ em coda silábica medial e final em palavras dos falantes Parintinenses. Ainda, buscou compreender se independentemente da idade, escolaridade e sexo/gênero os falantes nativos de Parintins palatizam o /s/ pós-vocálico em final e meio de palavras e buscou verificar se independente do contexto em que o /s/ aparecer, meio ou final de palavras, os parintinenses irão palatalizar. Buscando também identificar quais fatores linguísticos favorecem a fricativa palatal surda [ʃ] em coda final e quais favorecem a fricativa palatal sonora [ʒ] em coda silábica em meio de palavra.

A pesquisa foi estipulada dentro dos parâmetros da abordagem qualitativa, na qual pode-se realizar uma tentativa de explicar com profundidade o significado e características do resultado das informações que vão ser obtidas através da coleta de dados, pois “a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa”. (PRODANOV, 2013, p. 70)

Dessa forma, essa abordagem nos ajuda a refletir com profundidade os dados que podem mostrar o fenômeno da palatização na fala de Parintins, com isso, não usaremos de métodos quantitativos, e técnicas estatísticas.

Para Prodanov (2013) o ambiente natural dessa pesquisa é a fonte direta para coletas de dados, tendo como peça chave o pesquisador. Segundo o autor, o pesquisador se mantém em contato direto com o ambiente e objeto de estudo, tendo que levar em consideração que os dados não apresentam qualquer manipulação intencional do pesquisador. Ainda aponta para o tipo de coleta de dados usado nessa pesquisa, o descritivo, qual retrata “o maior número possível de elementos existente na realidade estudada”. (PRODANOV, 2013, p.70)

Para Stake (2011) a pesquisa qualitativa vai significar que o raciocínio do pesquisador se baseia principalmente na percepção, em tudo que pode ser analisado, coletado e refletido, baseia-se também na compreensão humana do pesquisador.

Ao investigar esse fenômeno na fala dos informantes, partiremos do princípio do método da investigação linguística, “[...] a observação direta da língua falada usada em situações naturais de interação social face a face. Essa língua é o **vernáculo** [...]” (COELHO et. al. 2010). De acordo com Coelho et. al. (2010) o vernáculo:

É a língua que usamos em nossas casas, com nossos amigos, nas reuniões de lazer, longe dos locais de trabalho, por exemplo, onde se requer uma fala mais cuidada. Mas como coletar o vernáculo? Como conseguir que os informantes falem livremente em entrevistas gravadas? (COELHO et. al., 2010, p. 116)

Nesse sentido, essa problemática nos leva ao chamado paradoxo do observador, levantada por Labov, que se refere ao comportamento do entrevistado diante do pesquisador, que podem surtir efeito nas respostas dos questionários propostos.

Assim, mudando os dados coletados. Segundo Coelho et. al. (2010, p. 116) “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade é verificar como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas; mas podem obter esses dados através da observação sistemática”.

Assim, essa pesquisa antes de ir para a coleta de dados, passou pela realização de uma pesquisa bibliográfica, “elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet [...]” (PRODANOV, 2013, p. 54), com o propósito de colocar o pesquisador em contato com todos os materiais já publicados e escritos da palatalização em coda silábica.

Nesse primeiro momento foi possível observar quais artigos e livros falam sobre o fenômeno da palatalização e sobre como a palatalização em final de sílaba se encontram em outras localidades do Brasil. Além disso, foi possível observar quais trabalhos já foram realizados e envolveram o fenômeno no baixo Amazonas.

Dessa forma, o estudo se encontra dentro da abordagem da pesquisa de campo, na qual “o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem [...]” (SEVERINO, 2013, p. 107). Com o pesquisador ficando imerso e em contato direto com as condições naturais que ocorrem o fenômeno da palatalização.

Foi possível ir a campo, com o objetivo de coletar informações para comprovar se realmente a palatalização do /s/ em coda silábica medial e final depende da escolaridade, sexo/gênero. Nesse sentido, foi possível fazer a adequada “observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente”. (Lakatos e Marconi, 2017, p. 203)

O comunidade de estudo da pesquisa é Parintins, ilha que primeiramente foi habitada por povos indígenas, como Tupinabarana, Mudurucu, Sateré-Mawé, Aupixuna, Tupinambá, Parintintin. Segundo, Farias (2010), foram os primeiros habitantes da então ilha, antes mesmo da colonização da Amazônia pelos portugueses, a história de Parintins começa partindo dos nativos.

Passando pelas missões jesuítas que catequizaram os nativos, dando início a primeira comunidade chamada Vila Nova da Rainha, surgindo em 1796. Em 1853, município e vila foram instalados, 1958 foi elevada à comarca com o nome Parintins, por

emenda parlamentar. Sendo elevada à categoria de cidade em 30 de outubro de 1880, com o nome de Parintins, recebendo esse nome em homenagem aos indígenas Parintintin.

A cidade se localiza à 635 km de distância da capital Manaus, e segundo dados do IBGE (2021) a população é estimada em 116.439 pessoas, tendo taxa de escolaridade de 6 a 14 anos de 93%, tendo percentual de IDHM de 0,658 em 2015. Parintins tem área territorial de 5.956,047 km².

Como manifestações culturais temos os Bois bumbás Garantido e Caprichoso, mas também as pastorinhas, o carnailha e a festa em honra a Nossa Senhora do Carmo, padroeira da cidade. Manifestações que fomentam o turismo, principalmente o Carnailha, Festival e a festa do Carmo.

Para Labov (*apud* COELHO, 2010, p. 116) “[...] o principal método para a investigação linguística é a observação direta da língua falada usada em situações naturais de interação social face a face”. Com isso, para coletar bons dados, que nos mostra fidedignamente o fenômeno da palatização na fala dos munícipes de Parintins é preciso levar em consideração o contexto social do uso da língua pelos sujeitos

Levando isso em consideração, a pesquisa partiu para a escolha dos informantes, pois segundo Coelho (2010, p. 113) “não é [...] o indivíduo que interessa ao pesquisador sociolinguístico, mas o grupo social no qual ele vive. [...] Mas obviamente, só podemos chegar ao grupo através do contato com os indivíduos [...]”.

Sendo assim, para a coleta do fenômeno linguístico presente na fala do parintinense, é imprescindível partir do indivíduo, para poder termos a noção do comportamento linguístico de seus componentes, ou seja, para podermos ter certeza que existe a palatização do /s/ em coda final e medial na fala parintinense, primeiramente precisamos coletar amostras com indivíduos representativos dessa comunidade de fala.

Nesse sentido, foi selecionada amostras da comunidade Parintinense, sendo esses “uma representação da população ou do universo da pesquisa” (OLIVEIRA, 2013, p. 88). Neste sentido, utilizando-se com isso a técnica da escolha não probabilísticas em que “O pesquisador (a) determina a quantidade de elementos ou número de pessoas aptas a responder um questionário”. (OLIVEIRA, 2013, p. 88)

Como também, seguindo métodos pré-estabelecidos, com isso a coleta dos dados “cada elemento da população tem oportunidade igual de ser incluído na amostra”. (PRODANOV, 2013, p. 99)

Considerando as dimensões sociais do *Locus* dessa pesquisa, foi estipulado um determinado número de informantes, pelo fato de não haver necessidade de amostras

grandes uma vez que “o uso linguístico é mais homogêneo do que o comportamento humano acerca dos fatos, em virtude de não estar tão sujeito à manipulação consciente [...]” (COELHO, 2010, p. 114).

Desse modo, foi estipulado que essa pesquisa envolve sete participantes do município de Parintins, com idades entre 18 e 30 anos e mais de 30 anos, eles foram divididos entre idade e sexo/gênero, constituindo células sociais “agrupamentos de fatores sociais que caracterizam os informantes”. (COELHO, 2010, p. 114)

Com isso, a pesquisa leva em consideração o critério de que todos os informantes que irão participar dessa pesquisa nasceram em Parintins, vivendo sua vida toda no município de Parintins.

A seguir temos a proposta de uma tabela, no qual podemos observar a disposição dos voluntários em gênero feminino e masculino, como também por idade, já delimitada nessa pesquisa, pode ser vista na Tabela 1.

Sexo/Gênero	Idade
2 MULHERES	Entre 18 e 30 anos
2 MULHERES	Mais de 30 anos
2 HOMENS	Entre 18 e 30 anos
1 HOMEM	Mais de 30 anos

A segunda fase da pesquisa constou em determinar o instrumento para a coleta de dados. A entrevista foi o instrumento escolhido. “É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados [...]” (Lakatos e Marconi, 2017, p. 212), sendo possível obter informações necessárias para a análise do fenômeno na fala dos parintinenses.

Assim, foi feita uma entrevista sociolinguística, pautada em perguntas abertas que estimulasse a descrição, os argumentos de procedimentos e opiniões, foram feitas perguntas relacionadas a vivência da pessoa, algum caso vivenciado pela pessoa, perguntas que estimulasse a memória do informante.

E duas perguntas fechadas foram incluídas: “As pessoas que moram em Parintins falam diferente das pessoas que moram em outros lugares do Amazonas ou do Brasil?” e “O Parintinense fala com chiado nas palavras com /s/?”. Perguntas que foram feitas antes da leitura das palavras pelo informante.

De tal modo que a gravação das entrevistas individuais se fez importante para a coleta, pois segundo Coelho (2010) é nela que os dados mais interessantes são provenientes. A entrevista consistiu em uma conversa entre o pesquisador e o entrevistado, com isso, usando-se de outro instrumento que é o gravador do aparelho celular, foi possível gravar o posicionamento diante de muitas perguntas feitas face a face pelo entrevistador. Além disso, a pesquisa contou com a coleta em gravações de leitura de lista de palavras, tendo como interesse a diversificação da coleta e que permita “identificar fenômenos de variação estilística” (Coelho, 2010, p. 122), no caso desse estudo o fenômeno da palatalização do /s/ em coda silábica e suas variantes.

Uma conversação efetuada com a finalidade de obter não só as informações, mas saber a opinião dos entrevistados acerca da diferença de fala deles próprios para outros locais do Amazonas e o chiado que é encontrado na fala dos mesmos. Dessa forma, a entrevista foi com perguntas abertas e fechadas, ou seja, não padronizadas “não existe rigidez de roteiro; o pesquisador pode explorar mais amplamente algumas questões, tem mais liberdade para desenvolver a entrevista em qualquer direção” (PRODANOV, 2013, p. 106), tendo como objetivo obter do entrevistado respostas para uma mesma pergunta e analisá-las no comparativo das outras respostas.

Para descrever e avaliar como o fenômeno palatizante ocorre na fala dos sujeitos de Parintins, foi utilizada a análise das gravações no *software* PRAAT programado e desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink, do departamento de Fonética da Universidade de Amsterdã.

O *software* é utilizado em análise e síntese da fala, o seu objetivo principal é a análise sonora, através de parâmetros como frequência, comprimento de onda, decibéis etc.

É possível realizar análise espectrográfica, de alturas, formantes, intensidade, síntese articulatórias, síntese a partir de altura, manipulação de fala, gráficos, estatísticas e portabilidade.

O *Praat* é um recurso muito utilizado por foneticistas para a análise efetiva da fala, analisando parâmetros acústicos, como também prosódicos e tudo que envolve a

realização do som, através de filtros, que desenvolvem e mostram todos os detalhes da som da fala produzida por qualquer ser humano.

Através desse instrumento, que foi possível realizar uma exploração detalhada da forma como se apresentam esse traço fonético na fala dos parintinenses. Além disso, analisar todas as nuances fonêmicas característico do fenômeno presente na oralidade dos sujeitos da pesquisa.

Optou-se por usufruir do método interpretativista, caracterizado pelo uso da linguagem como fator principal dos sujeitos sociais de dar sentido ao mundo e de haver comunicação com o outro. Pois, “[...] a linguagem possibilita a construção do mundo social e é a condição para que ele exista”. (LOPES, 1994, p. 331)

Nesse sentido, a investigação desse fenômeno da palatização acarreta na interpretação do *Corpus* da pesquisa, levando em consideração o contexto e a visão do participante.

Dessa forma, segundo Lopes (1994) objetivando entender os significados construídos pelos participantes do contexto social.

Por outro lado, foram dadas 20 palavras para que cada um dos entrevistados falassem, afim de obter o fenômeno linguístico palatalizante, tendo em vista também que esse fenômeno não é passível de observação direta. Assim, pode ter acesso a esses traços linguísticos “através da técnica de protocolo verbal”. (LOPES, 1994, p. 335) Com isso, obtendo do informante aquilo que o ponto principal dessa pesquisa, os dados que possivelmente mostram o fenômeno palatalizante na fala do parintinense.

Ao se fazer uso dessas 20 palavras teve-se como finalidade “ênfatar o próprio processo, ao solicitar-se que leitores/tradutores verbalizem [...] o que está ocorrendo ao lerem [...] um texto”. (LOPES, 1994, p. 335) Assim, com leitura das palavras pelos entrevistados, é possível observar os fenômenos linguísticos presente no linguajar dos parintinenses, focalizando principalmente nas codas medial e final, nas quais se pretende constatar as variantes palatalizante do /s/ pós-vocálico. Além de controlar os fatores linguísticos que podem favorecer a palatização em coda na fala parintinense.

As palavras propostas como forma de obtenção do *Corpus* da pesquisa foram escolhidas seguindo variáveis linguísticas, ou seja, “[...] à descrição detalhada de uma variável, de suas variantes e dos contextos em que elas podem ou não ocorrer [...]” (COELHO, 2010, p. 130), assim as palavras foram escolhidas seguindo o número de sílabas, podendo ser dissílabas ou trissílabas e cuja o /s/ apareça em contexto linguístico de meio e final de palavra (Tabela 2).

Sílabas	Contexto Linguístico	Palavras
Dissílabas	Final	Vezes, Lourdes, antes, horas, jarros .
	Meio	Casco, musgo , mesmo, desde , rasga.
Trissílabas	Final	Colegas, botijas, caboclas, toadas , maninhas.
	Meio	Florista, frentista, turista, taxista, artista.

Estabelecendo somente um critério de seleção das palavras que é a tonicidade (todas as palavras selecionadas são paroxítonas), de modo que controlamos os fatores linguísticos na pesquisa.

Os fatores linguísticos controlados foram:

- a) Tonicidade: as palavras da lista lida pelos informantes são paroxítonas;
- b) Posição do /s/ pós-vocálico: Foram usadas palavras onde o arquifonema /S/ estivesse em coda, no final e no meio das palavras;
- c) Número de sílaba: As palavras foram divididas em dissílabas e trissílabas;
- d) Classe Gramatical: Para essa pesquisa foram selecionadas quatro classes gramaticais advérbio, substantivo, adjetivo e preposição.
- e) Sonoridade do segmento da consoante seguinte: nesse caso, esse fator serve para as palavras dissílabas e trissílabas com o /s/ no meio, baseando-se em duas hipóteses dessa pesquisa, de que o segmento seguinte com traço [-voz] ou [+voz] favorecem a palatização do /s/ na coda em meio de palavra;
- f) Contexto seguinte: baseado na hipótese de que consoantes como /d/ e /g/ em posição seguinte ao /s/ em coda, favorecem a palatização.
- g) Contexto antecedente: baseado na hipótese de que o contexto que antecede o /s/ em posição de coda final, em final de palavras, pode favorecer a palatização do arquifonema.

Foram analisadas, na análise do fenômeno palatalizante, dentro dessa gama de palavras, somente quatro, as quais foram grifadas em negrito na Tabela 2, respeitando os critérios estabelecidos por essa metodologia.

Dessa forma, partindo desse ponto, foi estipulado, quatro informantes, divididos em duas mulheres, uma com idade entre 18 e 30 anos e mais de 30 anos. Quanto aos

homens, foram analisadas as leituras de homens com idade entre 18 e 30 anos e mais de 30 anos. Sendo assim, a análise do fenômeno dentro das falas dos informantes levou em consideração os mesmo critérios, de ter nascido em Parintins e sempre ter vivido na cidade.

Nesse sentido, a pesquisa analítica foi dividida em análise e discussões dos dados com trechos das falas de sete informantes, na qual será analisada como o informante entende sua forma de falar. Partindo para a análise do fenômeno da palatização tendo como dados as falas de quatro informantes com as respectivas idades proposta, nesse momento será analisado o fenômeno de fato, quais outros fenômenos corroboram para a realização dessa palatização e quais contextos influenciam nele.

CAPITULO III: ANÁLISE E DISCUSSÕES DE DADOS

Trechos das falas de 7 informantes.

Informantes do sexo Feminino com idades entre 18 e 30 anos

Informante 01 - 25 anos – Ensino Médio Completo

Não, falamos o mesmo linguajar, as mesmas gírias nas falas. Acho porque como nascemos na região, e o modo de falar, esse linguajar vem de geração a geração, é o estilo caboclo amazonense como falam.

Pelo meu ponto de vista não, falas com chiados é bem diferente. Somente algumas cidades fora do Amazonas falam chiado.

Informante 04 - 23 anos – Ensino Médio Completo

De acordo com meus conhecimentos prévios, em relação a cultura, eu acredito que sim nós falamos diferentes de outras localidades do Amazonas, que ocorre também se for comparado a nível Brasil, por exemplo, o estado do Amazonas tem um sotaque nortista que é muito diferente do sotaque Paulista, do Carioca, do Sulista. Então sim, no Amazonas em si, no estado, ocorre variação também.

O parintinense tem um chiado ao pronunciar o “s” no meio ou no final das palavras, como por exemplo, a palavra mesmo ou mesmos sempre sai com esse chiado, diferente já dá pronuncia do manauara, que já sai com aquele assobio, já é mais, como a gente fala né, popularmente fala o manauara fala fininho. Então, sofre sim essa variação, ocorre sim essa variação com frequência de uma cidade para outra. A questão é que a Amazônia em si, a parti do momento que ela foi colonizada e ocupada, ocorreu todo aquele processo de vinda de pessoas de outros países para ocupa as terras Amazônicas em si, ele foi gerando um misto cultural, que influencia fortemente na questão da linguística, por exemplo, nosso “s” chiado ele tem uma influência muito forte e muito intensa que os próprios portugueses, ou pelo menos, a capital de Portugal, Lisboa, pronunciam muito esse “s” chiado. Como o exemplo que eu utilizei do manauara, ele tem a fala fininha do “s” assobiado, já de influência dos próprios nordestinos que já vieram, ocuparam as terras, se apropriaram de determinadas áreas e se estabeleceram, assim como tem a influência dos próprios negros, dos Afros, tem muito essas questão cultural, entendeu? Além dos afros, também a própria linguagem indígena que influencia

muito no dialeto amazonense, há termos que a gente usa que tem essa raiz indígena, afro e europeia, então sim varia de uma localidade para outra, na questão da linguística.

Informantes do sexo Feminino com mais de 30 anos

Informante 03 - 30 anos – Ensino Médio Completo

Acho que os Parintinenses falam sim diferente das outras localidades do Amazonas.

Mas não tem muito chiado em suas falas, principalmente nas palavras com “s”.

Informante 02 - 38 anos – Ensino Superior completo

Sim, o modo como falamos aqui é diferente de todos os outros locais, inclusive das cidades próximas ao município, eu diria que o nosso jeito de falar, que é único, é nossa marca registrada.

Sim, falamos com um chiado nas palavras com “s”, algumas pessoas parecem até que tem esse “s” mais carregado na fala, é típico do nosso jeito de falar, você dificilmente vai encontrar um parintinense raiz que não tenha o chiado característico.

Informantes do sexo Masculino com idade entre 18 e 30 anos

Informante 01 - 23 anos – Ensino Médio Completo

Sim, pois apesar de sermos da mesma região tem uma maneira como se fosse algo que aprendemos e adquirimos conforme a vivência entre familiares e amigos.

Sim e muito, o som chiado ecoa muito na troca de conversa entre pessoas e a pessoa por já está acostumada a isso não percebe muito, mas se você parar para analisar um estante você consegue escutar o chiado do “s” nas palavras.

Informante 04 - 19 anos – Ensino Médio Completo

Sim, porque a gente tem um sotaque diferente de cada região, a gente tem uma linguagem diferente que é própria nossa, ai em outra região é diferente.

A gente fala meio chiado

Informantes do sexo masculino com mais de 30 anos.

Informante 03 – 34 anos – Ensino Médio Completo

Eu acho que temos uma linguagem mais ou menos parecido com a do Paraense, mas acho que sim.

Com certeza, eu acho que na minha opinião alguns sim e alguns não, vai da pessoa e como ela pronuncia a palavra.

Nesses trechos retirados das entrevistas feitas com informantes do sexo feminino e masculino com idade entre 18 e 30 anos e mais de 30 anos, observou-se opiniões dos informantes acerca de duas perguntas, o objetivo dessa entrevista foi de identificar o que os informantes pensam em relação a sua própria fala e se reconhecem nela a realização fricativa palatal, o chiado, característico na fala do parintinense.

Dessa forma, pôde-se observar na fala da informante 01 fem. *Não, falamos o mesmo linguajar, as mesma gírias [...] evidencias de um discurso de homogeneidade diante das variações existente na fala dos moradores dessa região do país. Porém se for levar em consideração o que é subentendido, o próprio discurso de enxergar que os parintinenses não falam diferente de outras regiões do Amazonas, não se aplica comparado ao nível do país, pois considerando essa afirmação subentende-se que falamos diferente de outras regiões do Brasil, por outro lado, atestando de alguma forma conhecimento quando se trata de variação regional.*

Ao ser perguntada sobre o chiado característico da fala do parintinense a Informante 01 fem. afirma que *falas com chiados é bem diferente* e a Informante 03 fem. afirma que *[...] mas não tem chiado em suas falas, principalmente em palavras com “s”* evidenciam alguns aspectos que considerados podem estar atrelados a falta de conhecimento da formação cultural e social, que acaba por desconsiderar a variação dialetal existente dentro do estado do Amazonas. Mas isso não significa que não fazem uso delas, isso porque, segundo Coelho et. al. (2010) seu uso se dá inconscientemente e é um traço indicador que está alheio a variação estilística, ficando somente na estratificação da variante linguística.

Nos trechos dos 5 informantes que disseram que sim, existe a variação entre dialetos envolvendo as microrregiões do estado e o chiado na fala dos munícipes de Parintins. Pode-se destacar nas falas da informante 04 do sexo feminino, os trechos *[...] eu acredito que sim, falamos diferentes de outras localidades do Amazonas*, também o trecho *[...] o estado do Amazonas tem um sotaque nortista que é muito diferente do sotaque Paulista, do Carioca, do Sulista*. Pôde-se perceber que ela conseguiu formular uma resposta que invoca as variações regionais do Brasil, que para Coelho et. al. (2010) pode ser estudada colocando em oposição diferentes espaços, a variação regional caracteriza falares e identifica falantes através do modo como a pessoa fala.

Observa-se isso também nas falas do informante 04 do sexo masculino *[...] a gente tem um sotaque meio diferente de cada região* a percepção em relação da variação dialetológica, que influencia na identidade, como pode-se perceber no trecho *[...] a gente*

*tem uma linguagem diferente que é própria nossa [...] a intuição de entender que sua fala é que difere ele de outras localidades e a compreensão de que isso é próprio dele e único. Além disso, no trecho da informante 04 feminino *Então sim, no Amazonas em si, no estado, ocorre variação também* destaca-se a utilização do termo **variação** termo técnico que não é muito utilizado pelo público em geral.*

Um ponto a ser destacado na fala do informantes 04 (feminino) e 04 (Masculino) é em relação ao sotaque. Pois, de acordo com Freire (2022) o sotaque é a manifestação mais rápida com que o falante se insere numa determinada comunidade, podemos observar isso nas falas desses informantes, o sotaque é a forma de diferenciação de uma comunidade linguística da outra. Além disso, segundo a autora, ser o componente linguístico que permeia as relações entre diferentes grupos sociais.

Além disso, vale destacar que a identidade, de acordo com Kiesling (*apud* Freire (2022)) é um processo, no qual existe uma relação entre o “eu” e o “outro”. Assim “a maneira como os indivíduos definem, criam ou pesam a si próprios em termos de suas relações com outros indivíduos e grupos, sejam esses “outros” reais ou imaginários” (FREIRE, 2022, p. 1).

Por esse motivo, a forma como a comunidade parintinense fala pode levantar a possibilidade dessa forma de falar ser característico e fazer parte da identidade linguística parintinense. A percepção dos informantes em relação a sua habitual fala, podem sugerir que exista um dialeto que possibilitem a caracterização da comunidade. O chiado possivelmente é um representante desse dialeto de Parintins.

Em relação ao chiado, destaca-se na fala da informante 04 fem. os trechos, *O parintinense ele tem um chiado ao pronunciar o “s” no meio ou no final das palavras, como por exemplo, a palavra mesmo ou mesmos sempre sai com esse chiado e o trecho [...] nosso “s” chiado ele tem uma influência muito forte e muito intensa que os próprios portugueses, ou pelo menos, a capital de Portugal, Lisboa, pronunciam muito esse “s” chiado.*

Nesses trechos, a informante trata sobre a realização da palatal em coda silábica, ainda nos traz a referência histórica da evolução da língua portuguesa, que no século XVIII “o /S/ implosivo que ocorreu em posição silábica interna ou externa sofreu, [...] um processo de palatalização iniciada no sul de Portugal que, gradativamente, foi se estendendo para os dialetos do norte do país”. (CASTRO *apud* RAZKY & SANTOS, 2020, p. 08-09) a informante traz em sua fala uma boa base de conhecimento acerca da realização do /s/ pós-vocálico em meio e final de palavra, reconhecendo em sua própria

fala a realização do chiado, consecutivamente, a realização de uma das fricativas alveolpalatal.

Outro trecho a ser destacado é o do informante 03 masculino de 34 anos, no qual ele diz *Eu acho que temos uma linguagem mais ou menos parecida com a do Paraense, mas acho que sim* e de fato temos, isso percebe-se na própria palatalização do /s/ pós-vocálico, pois segundo Razky e Santos (2020) partindo da hipótese Isófona de Cruz, que foi confirmada por Maia, na qual ela sugere que existe proximidades entre os falares de uma localidade do Amazonas, com a forma de falar do estados vizinhos.

Nesse sentido, Razky e Santos (2020) diz que foi possível perceber que em localidades mais próximas do Pará, como Barcelos, Itacoatiara e Parintins, tendem a utilizar a fricativa palatal. Segundo Maia et. al. (2017) no noroeste e ao leste, onde se encontra Parintins, prevalece a pronúncia alveolpalatal, tendo como maior índice de frequência a fricativa palatal [ʃ] surda.

O interessante com isso, é que quase todos os informantes conseguem distinguir uma fala de um Parintinense, de uma fala de qualquer região do país ou do estado, isso indica que esses têm conhecimento sobre sua própria forma de falar e de se expressar, conseguindo identificar o falante da cidade em qualquer situação.

Análise e discussões de dados: análise do praat

A partir desse tópico partiremos para a análise das palavras lidas pelos informantes, para essa análise no PRAAT, foram escolhidas quatro palavras “jarros”, “musgo”, “toadas” e “turista”

Como foi mencionado no capítulo II do referencial desse trabalho, existem dois tipos de espectrograma, de banda estreita e larga, veremos nas figuras que sucedem essa análise o espectrograma de banda larga, no qual é permitido a visualização dos formantes presentes nas palavras.

Nas imagens também é possível observar como cada informante pronunciou certa palavra, como também, como o analista segmentou através da ferramenta *textGrid*, que o *software* Praat disponibiliza para a segmentação das palavras que foram analisadas nessa pesquisa.

Nesse sentido, temos nas imagens a seguir, a forma de onda (oscilograma), espectrograma e a segmentação com a ferramenta *textGrid*.

A primeira palavra analisada no PRAAT, jarros, realizada por uma colaboradora de Parintins, mulher de 25 anos de idade, identificada no PRAAT como *Informante_04_-*

Fem. Na leitura das palavras a informante realizou a palavra “jarros” como [ˈʃa.ɦʊʃ], como mostra as evidências ilustrada na Figura 8.

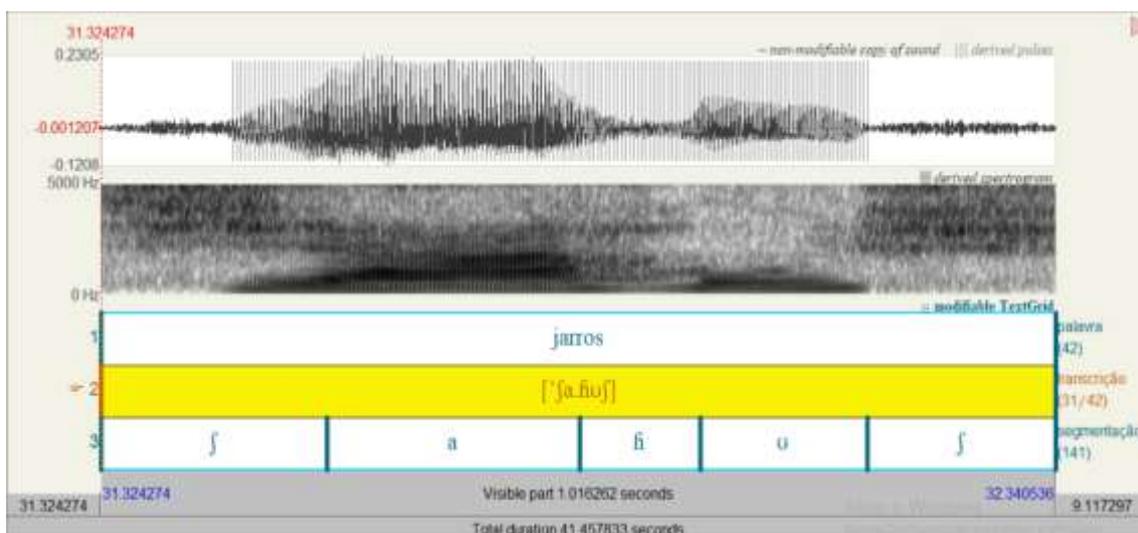


Figura 8: oscilograma e espectrograma da palavra "jarros" realizada como [ˈʃa.ɦʊʃ]

Na Figura 8, temos a realização da fricativa alveopalatal surda [ʃ] na posição de *onset*, a informante difere sua pronúncia dos informantes com idade abaixo de 30 anos, que realizaram como [ʒa.ɦʊʃ], por outro lado, observou-se o mesmo na pronúncia do informante masculino mais jovem, que pronunciou a palavra com [ˈʃa.ɦʊʃ]. Essa fricativa alveopalatal surda se diferencia da sonora, como pode ser visto no espectrograma e oscilograma, pela fricção e a não existência da barra de vozeamento no espectrograma e a onda contínua que é evidente no oscilograma.

Seguindo a realização dessa palavra, pode-se observar que a informante pronúncia no núcleo da sílaba o fone [a], destacando-se a sua forma de onda, pode observar no oscilograma a amplitude e a periodicidade das ondas sonoras do fone, indicando ser uma vogal regular, no espectrograma chama a atenção as regiões do primeiro e segundo formante, no qual do meio da vogal até o final dela, se encontram.

A palavra apresenta também a realização de uma fricativa glotal sonora [ɦ]. Nessa consoante glotal vozeada, pode-se observar que “os formantes durante a fricativa são uma fase de transição de movimento formântico que vai dos segmentos que antecedem aos segmentos que sucedem, caracterizando uma fricativa glotal”. (BARBOSA, 2015, p. 246) No caso, o que caracteriza o vozeamento aqui, dessa consoante é os pulsos glóticos verticais, como observa-se no espectrograma.

Logo e em seguida temos a realização de uma vogal alta pós-tônica [ʊ], ela é antecedida por uma consoante surda, dessa forma, essa vogal sofre um desvozeamento, pois é produzida com menos esforço que as vogais orais regulares. Observa-se tanto no

oscilograma, quanto no espectrograma, a redução de amplitude de ondas sonoras menor no oscilograma, e no espectrograma uma baixa marcação dos formantes, em relação a vogal oral regular do Português Brasileiro.

De acordo com Farias (2010) o parintinense tende a realizar em palavras com o arquifonema /S/ no final de palavras, a fricativa alveopalatal surda [ʃ], sem a vibração das pregas vocais. Percebe-se no espectrograma da palavra jarros, que depois do fenômeno de alçamento da vogal pós-tônica alta [ʊ].

Há a realização da fricativa alveopalatal surda [ʃ] se dá pelo fator do contexto que antecedeu essa consoante ser [-vozeada], acontece o fenômeno da neutralização. Pode-se observar no espectrograma a turbulência correspondente ao intervalo de fricção, trecho que indica uma alveopalatal surda, pois não existe nenhuma barra de vozeamento.

A segunda palavra analisada, *Musgo*, realizada por uma mulher de 38 anos, colaboradora de Parintins, identificada no PRAAT como *Informante_02_-_Fem.* Na leitura feita da lista de palavras, a informante realizou a palavra “musgo” como [ˈmuʒ.gʊ]. As evidências de como a colaboradora realizou essa palavra estão ilustradas na Figura 9.

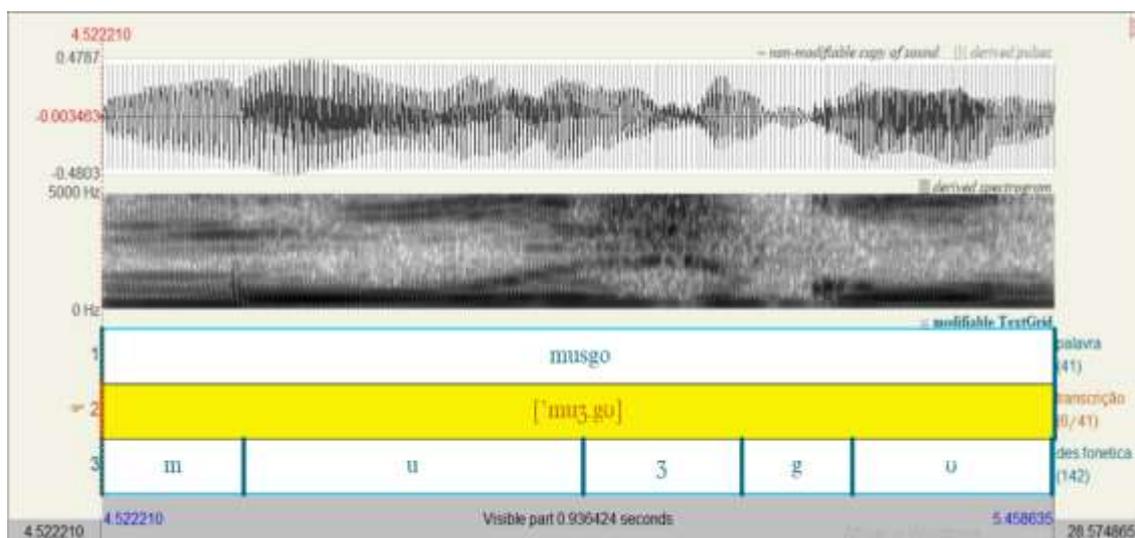


Figura 9: Oscilograma e Espectrograma da palavra "MUSGO", realizada como [ˈmuʒ.gʊ]

Temos a realização do fonema nasal bilabial vozeada [m], pode-se observar a realização de formantes nasais como também, nas ondas sonoras, podemos notar uma das características que demonstram ser uma bilabial vozeada, o abaixamento de F1 e F2 no início da vogal seguinte. Na parte superior da Figura 7, o espectrograma mostra a baixa amplitude em relação aos fonemas adjacentes, o clareamento dos formantes nasais.

Seguindo com a segmentação, foi possível observar que existe a realização de uma vogal alta posterior [u]. Destaca-se nessa vogal, a posição baixa do primeiro

formante ocupando uma posição baixa, indicando que essa vogal é uma vogal baixa. Enquanto ao F2, observa-se no espectrograma da vogal, a posição também baixa do formante, indicando com isso, uma vogal baixa posterior.

A informante ainda pronuncia uma fricativa alveolopalatal sonora [ʒ], é possível observar no espectrograma a barra de vozeamento, diferente de uma fricativa surda. Outra característica bastante visível no oscilograma a onda sonora muito protuberante, é resultado da concentração de energia acima. Observando o oscilograma pode-se verificar que a fricativa vozeada é de menor duração e menos continua que outras fricativas do grupo.

Logo após, a colaboradora realiza uma oclusiva velar vozeada [g], com características únicas das oclusivas, que é a queda de energia, pois há uma barra de vozeamento. Segundo Silva (2019), caracteriza o momento de bloqueio da passagem do ar no trato vocal, pode-se reparar que existe um espaço em branco acima da barra de vozeamento da oclusiva velar. Ainda no oscilograma é possível observar pulsos glotais de amplitude baixa e ruído transiente, percebido pela presença de uma estria estreita na transição da oclusiva para a vogal adjacente.

Em seguida, a informante realiza uma vogal pós-tônica alta posterior [ʊ] ao invés de uma média, destaca-se a posição baixa dos formante F1 e F2 assumindo posição baixa justamente caracterizando uma vogal alta ou fechada, o F3 que pode ser observado pela parte mais escura na parte superior do espectrograma da vogal, caracteriza o arredondamento da vogal.

Quanto a realização da palatização foi possível observar que a informante optou por realizar uma fricativa palatal vozeada [ʒ], isso passa possivelmente pelo fator do contexto posterior, pois temos uma consoante com traços [+voz] e não descarta haver outra forma de pronunciar, por outros Parintinenses. Porém, como aponta Farias (2010), pode acontecer da fricativa alveolopalatal sonora [ʒ] ocorrer em contexto no qual existem consoantes sonoras, como /d/, /m/ e /g/. Destacando mais uma vez a neutralização e a assimilação do traço [+voz] da vogal anterior.

A terceira palavra analisada, *Toadas* (Figura 11), foi realizada por um informante do sexo masculino de 19 anos, identificado no PRAAT como *Informante_04_-_Mas*. Na leitura das palavras ele realizou a palavra “toadas” como [tɔ'a.daʃ], como mostra a Figura 10.

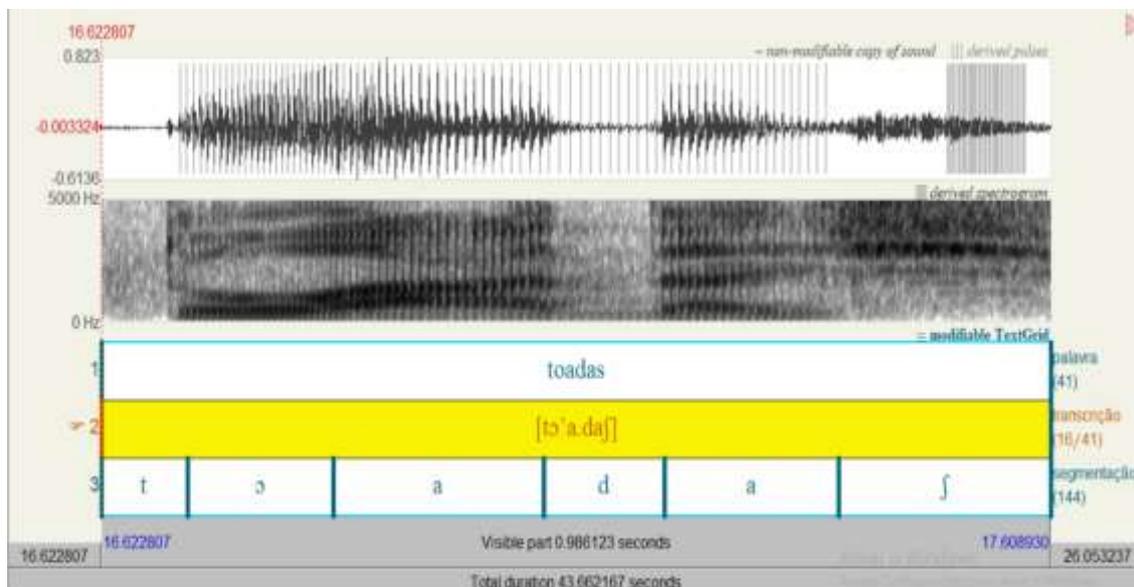


Figura 10: Oscilograma e espectrograma da palavra "TOADAS", realizada como [tɔ'a.daʃ].

Temos a realização de uma oclusiva alveolar não-vozeada [t], diferentemente de uma vozeada que aparece uma barra de vozeamento e depois um espaço em branco. Notamos na realização dela e no espectrograma desse fonema, uma estria transversal que caracteriza a oclusão ou o bloqueio da passagem do ar, no oscilograma uma onda com energia alta no final, que também caracteriza a oclusão.

Logo em seguida temos a produção de uma vogal média-baixa posterior [ɔ], nota-se no espectrograma o F1 em posição intermediária, seguindo um leve levantamento indicando que é uma vogal média-baixa, em relação ao F2 ocupa uma posição mais baixa, quase fazendo uma juntura com o primeiro formante. Quanto ao F3, o formante aparece em uma posição de elevação, indicando que é uma vogal arredondada.

Depois disso, o informante realiza a vogal baixa anterior [a], uma vogal que tem amplitude maior que os fones adjacentes, como também uma extensão maior, observa-se que em relação a vogal pós-tônica, sua amplitude e duração é maior. Isso marca a tonicidade do segmento em questão. É possível observar que a região F1 e F2 da vogal estão em uma posição mais alta.

Ainda temos a realização de uma consoante oclusiva alveolar vozeada [d], verificando sua forma espectral temos a barra de vozeamento, que na Figura 11 aparece

muito levemente na cor cinza, mas é identificada pelo fato de apresentar no oscilograma ondas de baixa amplitude, como também uma linha na vertical, mostrando que existe uma oclusão de ar na região de transição para a vogal pós-tônica.

No próximo segmento, temos uma vogal baixa anterior [a] podemos observar que os formantes da vogal se distanciam, indicando que essa vogal é aberta, em relação a vogal anterior tônica, observa-se na forma de onda dessa vogal, a diferença entre a amplitude de uma tônica acentuada, para uma pós-tônica. Destaca-se também os formantes 1 e 2 da vogal, no espectrograma, referendando que essa vogal é produzida com menos intensidade.

Logo depois, temos a realização da fricativa alveopalatal surda [ʃ] que está caracterizada no espectrograma com uma reunião de energia em posição alta no espectrograma indicando a fricção característicos das fricativas, como também uma duração maior de onda sonora, vista no oscilograma. A falta de barra de vozeamento, caracteriza a realização dessa consoante, o informante realizou uma fricativa alveopalatal surda ao invés de outra do grupo.

A quarta palavra analisada, *desde*, foi pronunciada por um informante do sexo masculino de 34 anos de idade, identificada no PRAAT como *Informante_03_-_Mas*. A leitura a palavra foi realizada como [ˈdeʒ.dʒi], as evidencias dessa realização estão ilustradas na Figura 11:

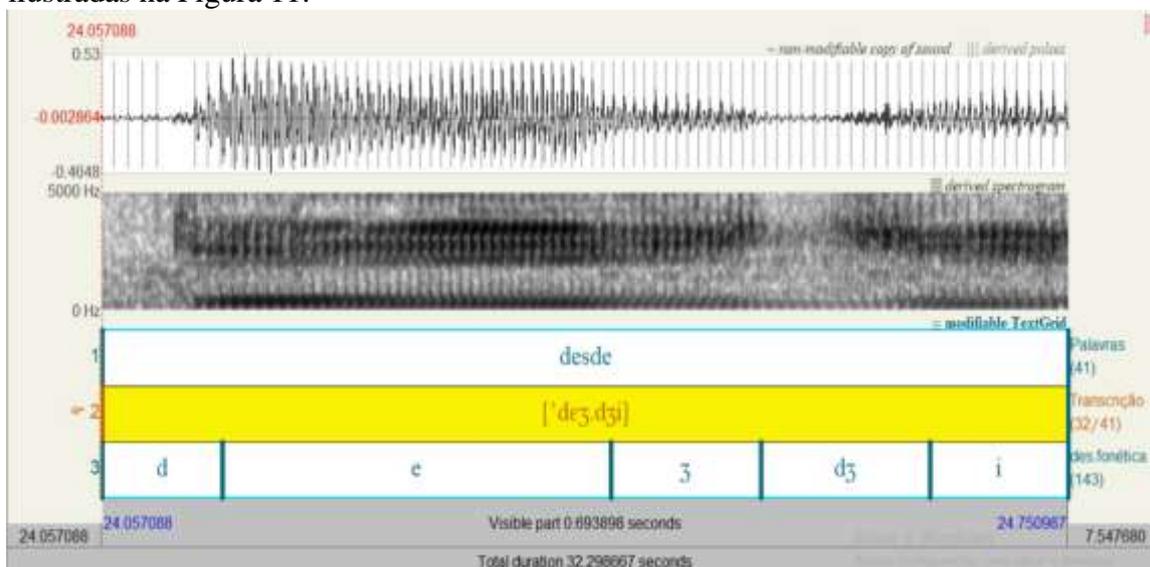


Figura 11: Oscilograma e Espectrograma da palavra "DESDE", realizada como [ˈdeʒ.di]

A palavra 'desde' foi realizada com uma alveolar em *onset*, pois podemos notar a falta de energia que caracteriza a consoante oclusiva vozeada como também a barra muito fraca de vozeamento.

Logo depois, temos uma vogal média-alta anterior, caracterizada pela onda sonora muito alta no oscilograma e também pela duração maior, sendo uma vogal tónica, que se diferencia da outra vogal dentro da palavra. Vemos que o primeiro e o segundo formantes se distanciam e o F3 mostra o não arredondamento da vogal, pois está em posição baixa no espectrograma.

O colaborador ainda realiza a fricativa alveopalatal sonora [ʒ] é notória a realização dela no espectrograma, pois aparece principalmente com a barra de vozeamento, ela é realizada possivelmente por conta do contexto seguinte ser uma africada, a qual influencia no traço de vozeamento da fricativa. Podemos também observar, a zona de fricção em posição alta, que se observados no espectrograma são parecidos com os formantes da vogal anterior.

De acordo com Farias (2010), pode ocorrer a presença da variante [ʒ] nessa palavra, pois o contexto precedente à essa fricativa, tem a presença do fonema sonoro /d/. Com isso, podemos considerar que o arquivornema aqui, assimila o vozeamento da consoante oclusiva vozeada.

Percebe-se a presença de uma africada vozeada [dʒ] pelo fato da pronúncia de uma oclusiva alveolar vozeada, com uma barra de vozeamento na parte inferior do segmento, como também a realização de uma fricativa alveopalatal sonora, vista no oscilograma como ondas contínuas e de menor duração logo após a onda quase inexistente da oclusiva.

Em seguida, a realização de uma vogal alta anterior [i] ao invés de uma média-alta [e]. Para tanto, foram considerados a o afastamento de F3, F2 e F1 assim como a duração da vogal. Temos uma posição mais alta para o F2 da vogal, enquanto o F1, que caracteriza a altura da língua na realização da vogal, é mais baixa. Em relação ao F3 da vogal, ele é mais alto, pois caracteriza um avanço menor dos lábios, demarcando que essa vogal não é arredonda. A duração da vogal é maior que uma vogal reduzida, porém é menor que a vogal tónica da palavra.

A palatização na fala Parintinense

Considerando os fatos apresentados e analisados nesse trabalho, é possível que possamos fazer algumas considerações acerca de como se encontra o fenômeno da palatização na fala em Parintins e os processos fonológicos envolvidos.

Um ponto a ser destacado é o processo de assimilação presente nos contextos posterior das palavras, como em “desde” e “musgo” na primeira o *Informante_03_-_mas*.

como [ˈdɛʒ.dʒi]. Na segunda palavra, há o mesmo processo, [ʒ] ocorre por conta do vozeamento da consoante da sílaba posterior.

A assimilação acontece por vozeamento, o traço [+voz] da africada e da oclusiva é fator importante para a realização dessa variante em Parintins. A palatalização, por si só é um processo de assimilação, no qual muda-se o ponto de articulação. Em ‘desde’, a fricativa sonora acontece pelo fato da africada alveolpalatal, já ‘musgo’ é possível ocorrer como [ʒ] pelo vozeamento da consoante velar sonora [g]. Vale salientar que os seus traços são próximo da região do palato duro, facilitando a realização da palatalização.

Já na posição final dos /s/ pós-vocálico, pode-se destacar que em final de palavras, acontece a realização de uma fricativa alveolpalatal surda [ʃ] como nas palavras analisadas nessa pesquisa ‘toadas’ e ‘jarros’.

A palatização ocorre em uma sílaba pós-tônica, o que possivelmente pode influenciar na ocorrência do fenômeno. Outro ponto a ser destacado, é que a pesquisa sugere que em sílabas pós-tônicas, a vogal dorsal [a] e a vogal pós-tônica alta [u] podem favorecer a palatização na fala dos parintinenses. Outra observação em relação ao fenômeno palatalizante no /s/ em coda silábica é posição dela no contexto silábico, pode-se sugerir, segundo o que mostra as amostras dessa pesquisa, que a sempre que o /s/ aparecer em coda final, o parintinense pode palatalizar, ocorrendo sempre a fricativa alveolpalatal surda [ʃ].

Por outro lado, podemos considerar que além dos fatores linguísticos, os fatores extralinguísticos também contribuem em parte para a realização desse fenômeno na fala de Parintins. Pode-se então fazer algumas observações e um levantamento hipotético de quais fatores podem corroborar e influenciar na ocorrência da palatalização.

O primeiro ponto do fator extralinguístico que foi observado é em relação aos gêneros, idade, escolaridade. Ao se analisar as falas dos informantes e suas pronúncias essa pesquisa sugere dois pontos: i. que a palatização não tem qualquer influência das especificações gêneros e idade, pois tanto homens quanto mulheres, com menos ou mais de 30 (trinta) anos palatizaram o arquifonema /S/ em coda medial e final; ii. em relação ao nível de escolaridade, pode-se notar que não exerce influência no fenômeno, pois foram analisados dos informantes falas e palavras, sendo seis de ensino médio e dois de ensino superior.

Essa pesquisa sugere ainda, que a palatização se consolida no dialeto parintinense como uma marca identitária, uma marca que faz do chiado um dos pilares da fala do parintinense, tal qual o Boi-Bumbá, que se diferencia por ser único, a palatização do /s/

em coda se torna um fator que levando em consideração os limites do Amazonas, diferencia um falante da cidade de qualquer outro sotaque existente no estado.

Possivelmente colabora para isso o fator histórico, por conta da grande miscigenação que forma a cidade de Parintins, desde os nativos e portugueses, a vinda de estrangeiros como judeus, ingleses, italianos, japoneses. Como também, pessoas de outros estados do Brasil, como Pará, Rio de Janeiro, Pernambuco, Ceará. Com isso, contribuem fomentando a cultura, sociedade, linguística e o dialeto de Parintins.

Essa influência migratória agiu na construção da sociedade parintinense, agindo na identidade social do parintinense, desde da religiosidade, herança dos portugueses, até nas letras de toadas com palavras indígenas, na fonética, com fenômenos linguísticos. O parintinense se reconhece como ribeirinho, como caboclos que enfrentam secas e enchentes. Essa migrações influenciaram na heterogeneidade do falar e da sociedade parintinense.

Outro fator que pode contribuir, e consecutivamente vem com o crescimento da cidade, é o fator cultural e sociocultural, o festival folclórico de Parintins, também exerce hipotética influencia, já que as toadas, linguagem utilizada para contar a vida do Parintinense, rituais indígenas, lendas da Amazônia, de alguma forma exerce uma força dentro do linguajar do parintinense, já que é um produto feito por ele e que contam as histórias do Amazonas. A contribuição sociocultural da festa favorece singularidades, tanto no campo social, cultural e linguístico de Parintins.

Considerações Finais

Nesta pesquisa observou-se como se encontra a palatização, fenômeno que é estudado em vários cantos do Brasil, em Parintins. Dessa forma, baseado em todos os dados que foram coletados e analisados, retomaremos as hipóteses dessa pesquisa.

Considerando a hipótese de que o /s/ pós-vocálico ocorre independentemente do contexto e dos fatores sociais como idade, gênero e escolaridade. Baseando nos dados, essa pesquisa sugere que a palatização ocorre sim independentemente desses fatores, foi possível observar na análise dos discursos que alguns dos informantes reconhecem esse chiado.

Já o PRAAT possibilitou observar que quase todos os informantes tinham a mesma característica fonética, os mesmos fatores linguísticos que favorecem a palatização que podem favorecer o fenômeno na fala do parintinense. Divergindo um ou outro, mas levando em consideração o tamanho dessa pesquisa, generalizar isso ao falar inteiro do parintinense, requer uma pesquisa mais aprofundada com um número maior de informantes.

Em relação a hipótese de que ocorre na fala do parintinense a palatização do /s/ em coda silábica, pode-se observar nos dados analisados que a palatização ocorre de fato. Pode-se observar a realização dos sons palatais, tanto em final de palavra como no meio de palavra.

Quando o /s/ encontra-se em posição final, observou-se que os falantes do município de Parintins, realizaram o arquifonema como uma fricativa alveopalatal surda [ʃ], como em [tʰa,daʃ] e [ˈʃa.fuʃ] isso pode ter influenciado de vários fatores tanto linguísticos como extralinguísticos, como por exemplo, o contexto antecedente vogal dorsal [a] e vogal pós-tônica [u] e a posição silábica desse fonema, a sílaba pós-tônica pode influenciar na realização da palatização do /s/ em coda final. Isso pode ratificar a hipótese de que fatores linguísticos como contexto antecedente e posição na palavra podem favorecer a palatização do /s/ em coda silábica em final de palavras.

Quando o /s/ encontra-se em posição de coda medial, ocorre a fricativa pós-alveolar sonora [ʒ] diante de um contexto de oclusiva vozeada, como vimos em ‘musgo’ e ‘desde’ nas quais também são realizadas como sonora. Possivelmente, pelo fato de ser anterior a duas consoantes vozeadas [d] e [g].

E isso comprova também que a hipótese que fatores linguísticos como sonoridade e contexto seguinte podem favorecer a fricativa palatal em meio de palavra, é verdadeira. Pois, a palatização do /s/ em coda silábica de Parintins, ocorre por assimilação, pois existe

uma assimilação dos traços [+vozeado] e o traço mais alto (palatal). Favorecendo, a fricativa palatal sonora, nesse o contexto seguinte se torna essencial, pois a oclusiva sonora ou surda que preceder o arquifonema /s/ pode influenciar na realização dessa palatal.

Essa pesquisa possibilitou entender um pouco mais sobre, como se encontra esse fenômeno na fala do moradores de Parintins, mostrando que a palatização, provavelmente pode ser uma marca identitária, que dependem de outros fatores externos a língua, indo muito além dos fatores como idade, escolaridade e gênero.

Essa pesquisa traz consigo contribuições para compreender quais os motivos linguísticos ou não que podem exercer influência no chiado do parintinense. Essa pesquisa pode servir de ponto de partida para futuras pesquisas em torno desse fenômeno, ou até de outros que existem no linguajar do parintinense. Pois, a fala específica dessa cidade traz consigo outros fenômenos que podem ser bastante aprofundados.

Referências Bibliográficas

- BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BARBOSA, Plínio A. Prosódia / Plínio A. Barbosa; [coordenação Tommaso Raso, Celso Ferrarezi Jr], - 1. ed. – São Paulo: Parábola, 2019. 136 p.
- _____. As ciências da fala / Plínio Almeida Barbosa; [coordenação Celso Ferrarezi Jr, Tommaso Raso], 1. ed. – São Paulo: Parábola, 2022.
- _____. MADUREIRA, Sandra. (2015) Manual de fonética acústica experimental: aplicações a dados do português. Editora Cortez, 2015.
- BERRO, Jean Paulo Indrigo. Análise fonética-acústica do plural das palavras terminadas em –ão. / Jean Paulo Berro – 2018, 106 f.
- BISOL, Leda. et. al. Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro / org. Leda Bisol. 3.ed. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Análise fonológica: Introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico / Luiz Carlos Cagliari. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- CARAMA JR. Joaquim Mattoso. Estrutura da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1970.
- CARDOSO, Denise Porto. Fonologia da língua portuguesa. Denise Porto Cardoso. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009.
- COELHO, Izete Lehmkuhi. Sociolinguística / Izete Lehmkuhi Coelho... [et al.]. – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. Atlas linguístico do Amazonas – ALAM: a natureza de sua elaboração. UFAM. Instituto de Ciências Humanas e Letras. Departamento de Língua e Literatura Portuguesa. Campus Universitário. Manaus – Amazonas – Brasil. 2004. Endereço eletrônico: luizacr@uol.com.br
- FARIAS, Katriana Jacaúna. As variações dialetais Parintinense: contribuição da sociolinguística aos falares Amazônicos/Amazônidas. Guajará – Mirim, 2010.
- FAILS, Willis C. CLEGG, J. Halvor. Manual de fonética e fonologia da língua portuguesa. New York: Routledge Taylor e Francis Group, 2022.
- FREIRE, Beatriz Funayama Alvarenga. Identidade linguística: um estudo sociofonético. *In*: CASTRO, Franklin Roosevelt Martins de. Linguagem e Identidade: múltiplos olhares / Organizador Franklin Roosevelt Martins de Castro. – Ponta Grossa – PR: Atena, 2023.
- GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino da gramática. *Work. pap. linguíst.*, 10 (1): 73-91, Florianópolis, jan. jun. 2009.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Parintins/cidades. Parintins: IBGE, 2021.
- KOCH, Ingedore Villaça. O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: Contexto, 2005.
- LAKATOS, Eva Maria. Fundamento de metodologia científica. Mariana de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos – 8. ed. – São Paulo: Atlas, 2017.
- LOPES, Luiz Paulo da Mota. Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. *D.E.L.T.A.*, v. 10, n. 2, 1994.
- LYONS, John. Linguagem e linguística: uma introdução. Tradução: Marilda Winkler Averbug e Clarisse Sieckenius de Sousa, 1987.
- MAIA, Edson Galvão. MARTINS, Flávia Santos. CRUZ-CARDOSO, Maria Luiza de Carvalho. Reflexões sobre a variação do /s/ em coda silábica no falar amazonense: a hipótese de uma isófona. *Wed – Revista SOCIODIALETO*, v. 7, n. 20, nov. – fev. /2017.

- OLIVEIRA, Maria Marly de. Como fazer pesquisa qualitativa/Maria Marly de Oliveira. 5. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- PEDROSA, Juliene Lopes R.; HORA, Demerval. Análise do /S/ em coda silábica: uma proposta de hierarquização dos candidatos gerados. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Edição especial n. 1, 2007.
- PINTO, Erick Marcondes da Silva. Aspectos sociolinguísticos da palatização de /S/, /D/, /T/ e /L/ do português brasileiro. Parintins – Amazonas, 2017.
- PRODANOV, Cleber Cristiano. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico/Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2 ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- QUARA, Hariele Regina Guimarães. JUSTINIANO, Jeiviane dos Santos. Estudos dialetológicos no amazonas. Anais do IX encontro do CELSUL, Santa Catarina, 2010.
- RAZKY, Abdelhak. SANTOS, Diego Coimbra dos. Estudos comparativo do /s/ em posição de coda silábica nos atlas linguísticos estaduais da Região Norte. Revista Moara, n. 55, jan-jul 2020.
- ROBERTO, Tania Mikaela Garcia. Fonologia, fonética e ensino: guia introdutório. Mikaela roberto. 1. ed. – São Paulo: Parábola Editora, 2016. 176p.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral/ Ferdinand de Saussure; organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a elaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. – 34ª ed. – São Paulo: Cultrix, 2012.
- SEARA, Izabel Christine. Fonética e fonologia do português brasileiro: 2º período / Izabel Christine Seara, Vanessa Gonzaga Nunes, Cristine Lazzarotto-Volcão – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.
- _____. NUNES, Vanessa Gonzaga. LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro. 2ª edição. Editora Contexto, 2015.
- SIMÕES, Darcília M. P.; GARCÍA, Flavio. A pesquisa científica como linguagem e práxis. Darcília M. P. Simões e Flavio García (orgs.) Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014.
- SILVA, Thaís Cristóforo. Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios. Thaís Cristóforo Silva. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2003.
- _____. SEARA, Izabel. SILVA, Adelaide. RAUBER, A. CANTONI, Maria Mendes. Fonética acústica: os sons do português brasileiro. 1 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2019. v. 1. 272p.
- SOUZA, Lygia de Lima. Diversidade linguística no ensino de português: desafios do professor de língua materna no contexto escolar. /Lygia de Lima Souza, 2017.
- STAKE, Robert E. Pesquisa qualitativa [recurso eletrônico]: estudando como as coisas funcionam. Robert E. Stake. Tradução: Karla Reis; revisão técnica: Nilda Jacks. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Penso, 2011.
- VIEIRA, Leilane Aline Rodrigues. A língua portuguesa e suas variações linguísticas. Iniciação Científica CESUMAR – jul./dez. 2012, v. 14, n. 2, p. 173-178 – ISSN 1518-1243.